



Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Maria Luiza Diello

**COMO A FORMAÇÃO EM ESQUIZOANÁLISE E A REDUÇÃO DE
DANOS TRANSMUTAM A VIDA E A PRÁTICA CLÍNICA**

Santa Maria, RS

2019

Maria Luiza Diello

**COMO A FORMAÇÃO EM ESQUIZOANÁLISE E A REDUÇÃO DE DANOS
TRANSMUTAM A VIDA E A PRÁTICA CLÍNICA**

Dissertação apresentada Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Psicologia**.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Adegas de Azambuja
Coorientador: Prof. Dr. Guilherme Carlos Correa

Santa Maria, RS
2019

Diello, Maria Luiza
COMO A FORMAÇÃO EM ESQUIZOANÁLISE E A REDUÇÃO DE
DANOS TRANSMUTAM A VIDA E A PRÁTICA CLÍNICA / Maria
Luiza Diello.- 2019.
67 p.; 30 cm

Orientador: Marcos Adegas de Azambuja
Coorientador: Guilherme Carlos Correa
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2019

1. cartografia 2. esquizoanálise 3. redução de danos
4. agenciamento territorial de enunciação 5. produção de
vida I. Adegas de Azambuja, Marcos II. Correa,
Guilherme Carlos III. Título.

sistema de geração automática de ficha catalográfica da usm. dados fornecidos pelo
autor(a). sob supervisão da direção da divisão de processos técnicos da biblioteca
central. bibliotecária responsável paula schoenfeldt satta cxa 10/1728.

Maria Luiza Diello

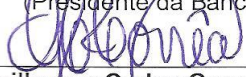
**COMO A FORMAÇÃO EM ESQUIZOANÁLISE E A REDUÇÃO DE DANOS
TRANSMUTAM A VIDA E A PRÁTICA CLÍNICA**

Dissertação apresentada Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestra em Psicologia**.

Aprovada em 29 de Agosto de 2019



Marcos Adegas de Azambuja, Dr.
(Presidente da Banca)



Guilherme Carlos Correa, Dr.
(Coorientador/UFSM)



Marcele Pereira da Rosa Zucolotto, Dra. (UFN)



Liane Beatriz Righi, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

Dedico este escrito a quem me provoca à vida, mesmo nas formas mais duras, mas principalmente, nas formas mais suaves. Também, às pessoas e às vidas insurgentes, com as quais componho ou divirjo, em minha presença no mundo.

Dedico ainda, a um enxame de marimbondos vermelhos que me picou em minha tenra infância e me fez entender cedo, que morrer é fácil e é preciso bem pouco, mas para viver, é preciso muito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a tudo e a todos que pude acolher, daquilo que o universo me trouxe nesse tempo de andança nessa caminhada do mestrado, em especial:

- à companheira de muitas luas, Valéria da Silva Zorzi, por toda a vida que rizomaticamente inventamos;
- aos meus filhos, Vitor Emílio e Vanessa Lissy, pela vida, amorosidade e coragem que me movem a inventar todos os dias;
- ao meu amigo e orientador, Marcos Adegas de Azambuja, pelo acolhimento, pela parceria incondicional, pelo carinho, pela coragem, pelo compromisso com a vida e pela boniteza do seu existir;
- ao meu amigo e coorientador, Guilherme Carlos Correa, por toda a conexão que nos junta;
- às componentes da Banca de Avaliação, Marcele Pereira da Rosa Zucolotto e Liane Beatriz Righi, pela perspicácia, sensibilidade, carinho e generosidade, e pelo entendimento da dimensão de vida, que pode se fazer presente num momento em que poderia ser somente de fria formalidade;
- aos colegas dos Seminários de Pesquisa, principalmente, Thales, Leonardo, Fernanda, Gabriel, Laíse e André;
- à minha amiga-irmã, Elizabeth Fontoura Dorneles, pela presença afetiva e incondicional que compartilhamos em nossas vidas;
- aos meus amigos de vida, Carine Raquel Medeiro da Costa, Cláudio Everaldo dos Santos e Gustavo Costa, pela parceria de muitas vidas;
- à minha amiga Clarissa Nicolodi Dias, pelo carinho, parceria e generosidade;
- às amigas e colegas de trabalho, Cleonice Silva Mayer, Vanessa Bueno Bronzoni e Luiza Espíndola Costa, pelo carinho e parceria cotidiana;
- aos bichos aqui de casa, que são sempre tão presentes na modulação de energias;
- a todos que, de tantos jeitos diretos ou indiretos, foram importantes nessa toada.

Conta a tradição talmúdica que 26 tentativas malogradas precederam a criação deste mundo. O Génesis não teria sido aquele milagroso instante inaugural tão celebrado, nem a eclosão repentina de uma totalidade redonda saída do Nada através do Verbo, mas tentativa e erro, experimentação, fracasso, remontagens, recolagens. Saído do seio caótico dos destroços anteriores, nosso mundo não possuía (e não possui ainda) nenhuma garantia; também ele estava (e continua) exposto ao risco do fracasso e do retorno ao nada: a qualquer momento o sucesso da empreitada pode desfazer-se e a obra vir abaixo. Foi e é sempre por um triz, graças a um misto de engenhosidade e acaso que esse mundo se sustenta, levando a marca inapagável daquela incerteza originária, de um início que poderia não ter vingado. Mas que vingou, entre outras coisas porque houve, por parte de Deus, no momento desta tentativa, uma torcida. "Oxalá se sustente" (Halevay sheyaamod), exclamou Ele naquele instante, e sua obra respondeu afirmativamente a este voto, que não foi uma ordem, mas um desejo. Deus atípico: bricoleur, desejante, esperançoso — súdito do Tempo. Todo o contrário da representação que Dele se tem habitualmente: onipotente, Dono do Futuro e do Destino, Rei do Tempo. O mundo da loucura lembra às vezes, por sua precariedade, essa versão de um Génesis sempre inconcluso. Os loucos, na sua fragilidade e inconsistência, com sua origem turva e nebulosa, num processo constante de reconstrução a partir dos destroços anteriores, também precisam, para sustentar-se, de muita engenhosidade, acaso e amiúde uma boa torcida desejante. Não a torcida vinda da voz cavernosa de um Deus mandão, mas aquela que nós podemos oferecer a partir dos dispositivos os mais diversos que conseguimos colocar à sua disposição para favorecer-lhes essa consistência e sobrevivência, ainda que incertas. Trata-se dos dispositivos institucionais, jurídicos, sociais, clínicos, expressivos, de escuta, até mesmo os medicamentosos, passando todos eles pelas modalidades mais diversificadas de encontro. Mas nunca nada está dado de antemão e o futuro jamais está garantido, 26 tentativas podem ser pouco para um louco, e frequentemente dez vezes isso ainda é insuficiente. Para tanto, uma coisa aí é primordial, tal como nesta versão do Génesis, sem o que nada seria possível: Tempo. É preciso dar tempo a essa gestação com que se confronta a loucura, a essas tentativas, a essa construção e reconstrução, a esses fracassos, a esses acasos. Um tempo que não é o tempo do relógio, nem o do sol, nem o do campanário, muito menos o do computador. Um tempo sem medida, amplo, generoso. O curioso é que no trato com a loucura precisamos dar um tempo que nós mesmos não temos.

Peter Pál Pelbart

RESUMO

COMO A FORMAÇÃO EM ESQUIZOANÁLISE E A REDUÇÃO DE DANOS TRANSMUTAM A VIDA E A PRÁTICA CLÍNICA

AUTORA: Maria Luiza Diello

ORIENTADOR: Dr. Marcos Adegas de Azambuja

COORIENTADOR: Dr. Guilherme Carlos Correa

Esta abordagem compõe meu trabalho de pesquisa para a dissertação de Mestrado Acadêmico em Psicologia/UFSM, tendo como referência metodológica, a cartografia e, teórica, os campos da Esquizoanálise, da filosofia da diferença e do pensamento foucaultiano. Advém d'algumas problematizações: o que estamos fazendo neste planeta? Qual é o sentido de estarmos aqui, para mim, o outro, a coletividade e o planeta? Pra que nos serve o que estamos vivendo? Quem são os viventes em cujas vidas vivo e que vivem dentro da minha vida? Quais são os agenciamentos que se operam de forma danosa, em nossas vidas? Assim, entendo que é preciso fazer a vida funcionar em novos registros, noutras direções. Trabalho -nos campos clínico, institucional e social- com a vida agenciada nas demais e diferentes vidas, não com os percursos que são meus, mas com os percursos de cada um, com a composição singular da sua vida; olho como se constitui cartograficamente aquilo que é individual, ou seja, como se produz uma história de si, a escrita de si e como se dá a composição das multiplicidades. Tomo o agenciamento de enunciação da Redução de Danos (RD) como intercessor na produção de processos de subjetivação no contemporâneo, ultrapassando a perspectiva territorial proposta pelo pensamento dominante de traçado proibicionista e provocando à produção estética de territórios existenciais marcados por outras formas de ser e de fazer a vida acontecer, passando pelo campo clínico e pelos mais diversos agenciamentos em saúde. Olhando para as cartografias das vidas cujos territórios existenciais foram afetados e contagiados pela RD e pela Esquizoanálise como agenciamentos de subjetividades territorializadas, se problematizarmos os modos de subjetivação dominantes -que sequestram/capturam o desejo, as vontades e as subjetividades; tomando por referência os desdobramentos na vida das pessoas, no meu trabalho clínico, institucional e social, como psicóloga, vemos os processos disparados por esses intercessores que operam no contemporâneo. Tomo a RD como possibilidade de produção de afetos e contágios, reverberação/ritorno na vida das pessoas, produção de redes, de intensidades, de inventividade, produção rizomática e, por sua vez, de movimentos, de deslocamentos; e em três dimensões, sejam elas: método clínico-político, paradigma da Política Nacional de Atenção Integral para Usuários de Álcool e Outras Drogas e, como Modo de Vida e produção de cuidado. Isto posto, pensar a Esquizoanálise e a RD, enquanto agenciamento territorial na produção de processos de subjetivação e na prática clínica, nos convoca à disposição a pensar e viver experimentações, tomando a primeira como uma leitura de praticamente tudo o que acontece no mundo e, a segunda, como uma zona de ruptura no campo do cuidado, que produz agenciamentos de territorialização, modificando práticas e formas de pensar as relações com a vida, assim como, a prática clínica.

Palavras-chave: cartografia, esquizoanálise, redução de danos, agenciamento territorial de enunciação, produção de vida.

HOW THE ACADEMIC TRAINING IN SCHIZOANALYSIS AND THE HARM REDUCTION TRANSMUTE THE LIFE AND CLINICAL PRACTICE

AUTHOR: Maria Luiza Diello
ADVISOR: Dr. Marcos Adegas de Azambuja
CO-ADVISOR: Dr. Guilherme Carlos Correa

This approach composes my research work for the dissertation of Academic Master's Degree in Psychology / UFSM, having as methodological reference, cartography and, theoretical, the fields of schizoanalysis, philosophy of difference and Foucaultian thought. It accrues from some problematizations: what are we doing in this planet? What is the purport of being here, for me, for the Other, for the community and for the planet? What is the use of what we are living for? Who are the living people in whose lives I live and live within my life? What agency operates in harm way, in our lives? Thus, I understand that life must be made to function in new registers, in other directions. I work – in the clinical, institutional and social fields – with agency life in other and different lives, not with the pathways that are mine, but with the pathway of each one, with the quaint composition of his life; I notice how cartographically constitutes what is individual, that is, how a history of itself is produced, the writing of itself and how is the composition of the multiplicities. I take the agency of enunciation of Harm Reduction (DR) as an intercessor in the production of subjectivation processes in the Contemporaneous, surpassing the territorial perspective proposed by the dominant thought of prohibitionist tracing and provoking the aesthetic production of existential territories marked by other forms of being and doing life happens, going through the clinical field and the various agencies in the health. Looking at the cartographies of lives whose existential territories were affected and influenced by DR and Schizoanalysis as agencies of territorialized subjectivities, if we problematize the dominant modes of subjectivation – which sequester / capture desires, wills and subjectivities; taking as reference the deployment in people's life in my clinical, institutional and social work as a psychologist, we see the processes triggered by these intercessors operating in the contemporaneous. I take DR as a possibility of affections production and influences, reverberation / *ritornello* in people's lives, production of networks, intensities, inventiveness, rhizomatic production and, in turn, movement, displacement; and in three dimensions, they are: clinical-political method, paradigm of the National Policy of Integral Attention for Users of Alcohol and Other Drugs and, as Way of Life and care production. Thus, thinking about Schizoanalysis and DR, as territorial agency in the production of subjectivation processes and clinical practice, calls us to be willing to think and live experiments, taking the former as a reading of practically everything that happens in the world and, the second, as a rupture zone in the field of care, which produces territorialization agencies, modifying practices and ways of thinking about relationships with life, as well as clinical practice.

Key words: cartography, schizoanalysis, harm reduction, territorial agency of enunciation, life production.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	... DUM PROJETO DE PESQUISA...	13
3	... DUNS PROPÓSITOS...	24
4	É POR SER RIZOMA QUE SE ESPALHA!	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
6	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Para inventar uma outra clínica, é preciso estar desconformado com a clínica que se faz; é preciso inventar uma máquina, um desejo que deseja, um desejo-intensivo-desejo-intensidade; é preciso lidar com as imanências, desentranhar as existências, desconstituir o constituído, ajudar a pessoa a produzir pensamento sobre aquilo que lhe provoca sofrimento. Não se trata, somente, de pensar que a psicologia poderia ou deveria atuar doutra forma, que não as com que se vem atuando (seja numa perspectiva mais clássica ou mais aberta). Trata-se, talvez, de pensar as formas com que trabalhamos, vivemos, pensamos e fazemos. E os processos cartográficos, o pensamento cartográfico e esquizoanalítico, é um dos modos com que se pode atuar numa forma diversa. Dependendo da forma como fazemos isso, podemos contagiar, provocar desterritorializações, reterritorializações, composições as mais diversas, agenciar outras composições de vida.

Os caminhos e descaminhos traçados na geografia das ruas e na geografia das vidas, não têm linhas fixas; mostram-nos as andanças lá por dentro das entranhas dos existires e dos viveres das vidas tortas que não cabem nas exatidões da ciência, da academia ou do olhar com que muitos olham para a vida dos viventes; é com um olhar maiúsculo dirigido às vidas minúsculas, que tornamos maiúsculos esses existires. É preciso ampliar, em vez de reduzir ou fixar. É preciso aprender a desconhecer, para se permitir olhar para além das molduras e quiçá, vir a conhecer.

Proponho pensar a vida e a produção de novos paradigmas estéticos, não de forma idealizada, mas contemplando os estratos, os sedimentos, as intensidades, os limiares provocados, produzidos, chispados, disparados, incendiados pelas desterritorializações e reterritorializações da RD na vida das diferentes gentes com quem compus e componho, inventei e invento caminhos; com quem componho minhas andanças pessoais e profissionais; isso, para pensar como os agenciamentos territoriais de enunciação estratificados pela RD, quebram com o paradigma proibicionista que, de forma tão ampla e absoluta, guia os existires e as produções de subjetividades; e, a partir disso, provocam a produção doutros paradigmas estéticos

que, em vez de fechar campos de possibilidades, abrem descontinuidades, percursos, fluxos, intensidades, porosidades.

Olho para a ideia de RD como uma noção em movimento, em ampliação, que lá nos seus primórdios, primeiro desfocou da questão da AIDS e agora talvez, com sua exclusão da condição de diretriz de política pública, esteja desfocando da questão da droga, para ampliar-se às questões da vida de um modo geral e, desfocando da questão da droga o que nos interessa, principalmente, seja a questão da vida. A vida e a produção estética de territórios existenciais marcados por outras formas de ser e de fazer a vida acontecer. E quando as pessoas são provocadas a cartografar suas vidas, geralmente se surpreendem com isso, com o que encontram e com o que produzem a partir disso.

Nessa toada é importante pensar, também, a questão do tempo enquanto intensidade, que compõe e carrega o múltiplo, a multiplicidade, provocando agenciamentos maquínicos e territoriais em seus diferentes tipos, produzindo conexão com outros agenciamentos. O tempo da intensidade é o do rizoma e acontece por baixo da superfície; diferente da radícula, da árvore, nunca sabemos onde está andando. É preciso se dispor a experimentar, não ter medo do que ribomba da pessoa com que trabalhamos, da história em que ameahamos as letras para a nossa história; provocar desterritorializações e reterritorializações. Acompanhar processos –mesmo que sejam os meus. É disso que tratamos aqui.

No mais, tendo sido, este processo de pesquisa, um percurso bastante atípico, em que foi necessário escolher outros caminhos, que não os traçados inicialmente, escolhi compilar junto à cartografia produzida, o projeto inicial de pesquisa e o convite feito aos viventes que gostariam de colaborar na composição cartográfica da pesquisa, falando ou escrevendo sobre como a Esquizoanálise e a Redução de Danos modificaram seus existires, seus pensares, seus fazeres e seus viveres.

A participação foi intensa, mas a vida, intensa e rizomática, me exigiu outras andanças, deixando o desenho dessa cartografia, para outros tempos e momentos, apesar de ter marcado profundamente, a cartografia que se produziu.

2 ... UM PROJETO DE PESQUISA...

Tema: A transversalidade da Redução de Danos como dispositivo agenciador de processos de subjetivação no contemporâneo

DESPREZO

Desprezo era um lugarejo. Acho que lugar desprezado é mais triste do que abandonado. Não sei por quê caminhos o mundo me tirou do Desprezo para este Posto de Gasolina na estrada que vai pra São Paulo. Acho quase um milagre. Quando a gente morava no Desprezo ele já era desprezado. Restavam três casas em pé. E três famílias com oito gurus que corriam pelas estradas cobertas de mato. Eu era um dos oito gurus. Agora estou aqui botando gasolina para os potentados. Naquele tempo do Desprezo eu queria ser chão, isto ser: para que em mim as árvores crescessem. Para que sobre mim as conchas se formassem. Eu queria ser chão no tempo do Desprezo para que sobre mim os rios corressem. Me lembro que os moradores do Desprezo, incluindo os oito gurus, todos queriam ser aves ou coisas ou novas pessoas. Isso quer dizer que os moradores do Desprezo queriam ficar livres para outros seres. Até ser chão servia como era o meu caso. Ninguém era responsável pelas preferências dos outros. Nem isso era uma brincadeira. Podia ser um sonho saído do Desprezo. Uma senhora de nome Ana Belona queria ser árvore para ter gorjeios. Ela falou que não queria mais moer solidão. Tinha um homem com o olhar sujo de dor que catava o cisco mais nobre do lugar para construir outra casa. Não sei por quê aquele homem com olhar sujo de dor queria permanecer no Desprezo. Eu não sei nada sobre as grandes coisas do mundo, mas sobre as pequenas eu sei menos.

Manoel de Barros

DEFINIÇÃO DO TEMA

O presente projeto propõe pensar a Redução de Danos¹, ultrapassando a fronteira do campo das DST-AIDS, que formava um terreno híbrido com o campo do álcool e outras drogas, e hoje tem sua territorialidade redimensionada, cruzando a revisão de formas de trabalho, de fazer as políticas públicas e de viver (de viver ultrapassando proibicionismos e abstinência) remodulando a qualidade da vida da pessoa e do coletivo, produzindo novas formas de ser e de fazer, desterritorializadas da moral e do pensamento dominante vigente; em suma, propõe pensar **a transversalidade da Redução de Danos como dispositivo agenciador de processos de subjetivação no contemporâneo.**

JUSTIFICATIVA

A proposição de pensar e fazer a vida acontecer de forma a ultrapassar o modelo proibicionista de leitura e de atuação no mundo, tão presente no traçado do pensamento dominante ainda em intenso vigor na vida contemporânea, nos faz visualizar no campo ético, social e político da RD, uma perspectiva de produção de modos de vida, de processos de subjetivação e de trabalho que viabiliza compor existências transversos, feito de possibilidades várias, longe do pensamento binário e dicotômico que apresenta vias extremamente limitadas de pensar, ser e existir.

Há de se pensar a vida ali onde ela transborda. É nos excessos que ocorrem os cometimentos. O que fica contido até a borda, diz somente do dentro (não o dentro da dobra... nesse dentro não há *pli*, não há dobra, não há forro). Nesse dentro há o que ali está contido. É preciso olhar o que trans-borda. É nos excessos que escorrem as incontínuas. É com os excessos que nunca sabemos o que fazer. Soe dizer, aqui, que somos herdeiros do consumismo e da exacerbação do consumo, o que nos fez, conseqüentemente, produtores de excessos. Não nos basta usar, precisamos usurpar mais e mais de nossa produção de prazer. São nossos usos e abusos que tem nos mostrado quem somos. Então, são os excessos que nos transbordam e nos mostram

¹ Usaremos aqui, neste Projeto, a sigla RD.

além das bordas.

A RD nasceu da lida com decorrências e intercorrências nos usos e abusos na produção de prazer relacionado ao uso de drogas ilícitas, com a coadjuvância das DST's, ou melhor, com o protagonismo destas; por um tempo considerável, a abordagem teórica e prática do campo da RD se restringia aos usos e abusos de drogas ilícitas, às DST's, e, posteriormente ao álcool e, mais recentemente, tem se ampliado aos usos de drogas lícitas (principalmente medicamentos), da alimentação e da vida, de um modo geral.

Com esta pesquisa, proponho-me pensar o dispositivo da RD em sua dimensão transversal² no contemporâneo, na direção daquilo que este dispositivo nos permite lidar pessoal e tecnicamente com os efeitos dos usos e abusos com relação às mais diferentes substâncias e coisas, seja as drogas ilícitas, as drogas lícitas, a alimentação, a bebida, o consumo, etc., de forma a contemplar os diferentes modos de produção de subjetivação.

O desenho desta perspectiva de pesquisa advém de minha atuação como tutora no Projeto Caminhos do Cuidado -Projeto viabilizado pelo Ministério da Saúde, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz, o Grupo Hospitalar Conceição e a Rede de Escolas Técnicas do SUS (RET-SUS) que ofereceu, no período de 2013 a 2014, o curso de Formação em Saúde Mental, com ênfase em crack, álcool e outras drogas, para Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Auxiliares e Técnicos de Enfermagem em todo o território nacional-, no qual, atuei na formação de alunos de quatorze turmas do Rio Grande do Sul -abrangendo mais de 50 municípios-, quando foi possível perceber que nas comunidades das quais eram oriundos os alunos das turmas com que trabalhei, as questões mais preocupantes no que se refere aos danos em saúde, não estavam relacionadas aos usos e abusos de drogas ilícitas e de álcool (onde se encontra número muito pequeno de tais usuários), mas sim, do uso banalizado e inadequado

² Aqui podemos aventar uma aposta que pode se constituir num disparador de agenciamentos e que se refere à possibilidade de que se possa produzir cada vez mais, novos agenciamentos de pensares, de fazeres e de movimentos; para vislumbrar essa trama, trago a noção de transversalidade, que foi desenvolvida, originariamente por Félix Guattari e expressa o seguinte: "(...) A abordagem transversal tenta subverter as oposições estruturais binárias e contribui para manter sempre em funcionamento o dispositivo maquínico. Partindo de uma analogia entre o modo de desvio de sentido que se opera nos psicóticos e os mecanismos de discordância crescente que perpassam a sociedade, ele sistematiza a oposição entre os grupo-sujeitos e os grupos assujeitados para afirmar que essa dupla tentação persegue todo grupo constituído. Guattari sugere substituir a noção muito vaga de transferência institucional por 'um conceito novo: o de transversalidade no grupo'. Esse conceito se opõe ao mesmo tempo ao eixo de verticalidade fundado em um organograma com estrutura piramidal e a uma concepção de horizontalidade que consiste em justapor setores diferentes sem que se estabeleça uma relação entre eles: 'Enquanto as pessoas permanecem imobilizadas em si mesmas, não veem nada além de si mesmas'. Um certo nível de transversalidade permite dar início ao processo analítico de saída de si e de deslocamento necessário no confronto com o grupo: 'A transversalidade é o lugar do sujeito inconsciente do grupo, para além das leis objetivas em que se fundamenta. O suporte do desejo do grupo'" (Dosse, 2010, p.61).

de medicamentos psicotrópicos (em decorrência de sofrimento psíquico ou manejo clínico equivocado, de aspectos subjetivos produtores de sofrimento psíquico ou de dificuldades para lidar com as mais diferentes questões atinentes à vida em si), seguido de problemas decorrentes da alimentação e do manejo das questões correntes da vida.

Assim, pretendo desdobrar a abordagem sobre a RD em três dimensões: Paradigma da Política Nacional de Atenção Integral para Usuários de Álcool e Outras Drogas; Método clínico-político; e, principalmente, como Modo de Vida, ou seja, enquanto produção de subjetividades, permeada por condicionantes éticos e estéticos, que desenham as escolhas e ações humanas na sua relação consigo e com o outro, assim como, na produção de modos de vida, contemplando as pessoas em seus processos de subjetivação atravessados pelo mundo e pelas coisas do mundo, e, doutra banda, atravessando-o pelo efeito de suas ações.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Pensar a transversalidade da RD como dispositivo agenciador de processos de subjetivação no contemporâneo, tomando por referência os desdobramentos do Projeto Caminhos do Cuidado na vida das pessoas e das comunidades.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Abordar a emergência da noção, da prática e dos dispositivos disparadores da RD no Brasil;
- Abordar a RD enquanto método clínico-político;
- Abordar a RD enquanto Política Nacional de Atenção Integral para Usuários de Álcool e outras Drogas;
- Abordar o Projeto Caminhos do Cuidado como dispositivo transversalizador da RD nas práticas de Atenção Básica em Saúde;
- Abordar o Projeto Caminhos do Cuidado como dispositivo transversalizador da RD na produção de processos de subjetivação;
- Abordar a RD como modo de vida (estética da existência).

REVISÃO TEÓRICA

Vivemos num perigoso cenário econômico, humano, político e social que nos convoca permanentemente ao consumo e ao usufruto de tudo aquilo que esse sistema anota e aponta como produção de prazer. Sabemos que algumas gentes sempre não de problematizar e pensar sobre isso, inventando outras possibilidades para a fruição da vida, enquanto outros serão apenas peças azeitadas nessa tacanha engrenagem. É claro que não se trata de pensar a vida fora disso, mas sim, de pensá-la em outras possibilidades territoriais³, para além dos usos e abusos (nos mais diferentes campos) e em seus muitos desdobramentos.

Tomo a vida como a possibilidade de uma existência múltipla, mista, híbrida, não-ariana, não-asséptica, não-fascista. Não vejo como poderemos ter uma vida límpida, filtrada das coisas que o sistema e o ideário capitalístico nos apresentem, mas entendo que podemos trabalhar para reduzir os efeitos das coisas vindas do campo do consumo, que tanto encantaram várias gerações e que, por sua vez, provocaram um não-pensamento, uma a-criticidade, uma a-problematização. Rolnik ajuda-nos a pensar isso quando diz que *“Vivemos sempre em defasagem em relação à atualidade de nossas experiências. Somos íntimos desse incessante sucateamento de modos de existência promovido pelo mercado que faz e desfaz mundos: treinamos, dia após dia, nosso jogo de cintura para manter um equilíbrio nisso tudo e adquirir agilidade na montagem de territórios”*(Guattari&Rolnik, 2005, p. 15). Enfim, podemos escolher usufruir de qualquer coisa que seja, mas também podemos decidir se faremos isso guiados/assujeitados pelo ideário dominante ou através de nosso fazer autônomo e livre, compondo e recompondo territorializações. .

Poderemos pensar a perspectiva do desejo como produção (na carona de Deleuze, Guattari e Foucault) e, amotinarmos à RD, como uma perspectiva que retira das mãos da ciência o monopólio do saber sobre a vida e a saúde das gentes e lhes devolve nas mãos essa possibilidade de protagonismo, de produção de autonomia e de práticas de liberdade. Penso que a retomada do olhar contemporâneo sobre a vida, colocando-lhe um foco de luz sobre seus pulsares e não sobre suas impossibilidades, seja um dos méritos mais preciosos do campo da RD, sem contar todos os demais movimentos que tem provocado nas comunidades, na vida das pessoas e na produção de novos modos de vida.

Pensar o desejo como produção, corre longe da perspectiva proibicionista, que anula vontades, que anula querer e que exige assujeitamento, impedindo a produção de práticas de autonomia e liberdade, e de fluxos existenciais; pensar o desejo como produção, implica em pensar um pouco a questão da estética da existência, da invenção de novos modos de vida e

³ Lembrando que quando falamos de território, estamos nos referindo a campos geográficos, físicos, simbólicos, imaginários, afetivos, emocionais, subjetivos, dentre outros.

dos processos de subjetivação ética que se voltam contra o poder; trata-se, portanto, de pensar “Regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida. É o que Nietzsche descobria como a operação artista da vontade de potência, a invenção de novas ‘possibilidades de vida’” (DELEUZE, 2006, p. 123). Faz-se necessário, portanto, tomar o processo de subjetivação moderna como algo a ser problematizado, percebendo a sujeição ao poder em várias instâncias, instâncias microfísicas e estratégicas, estabelecendo nos “modos de vida”, na estetização ético-política da vida, lutas contra a sujeição. Cabe reconhecer, ainda, que os exercícios da cultura de si, cada um em sua medida epocal, são lutas contra a sujeição. Não se trata de imitá-las, mas de colocá-las lado a lado com aquilo que nos cabe problematizar na subjetivação moderna: a normalização social (cf. CARMO, 2007, p. 65).

A RD constituiu-se num novo modo de fazer ético, político e técnico que atravessa e transversaliza a vida das pessoas, da comunidade e das relações no território, portanto, provoca a viver de forma a contemplar as condições com que a pessoa possa usufruir de sua existência individual e coletiva, produzindo autonomia, práticas de liberdade, potência e vitalidade, enfim, desnormalização.

A RD foi *inventada* através da autonomia e do protagonismo das pessoas (trabalhadores e usuários), que, produzindo novas realidades para as condições dadas, constroem a si mesmos como novos sujeitos (processos de subjetivação éticos e estéticos), mostrando que não há mudança fora dos sujeitos, senão a partir da experiência com o outro, no coletivo, encontro que propicia a reinvenção de si, a produção do novo em si mesmo. Além de ampliarmos a noção de RD, é importante olharmos para esse campo como uma noção em movimento que, depois de constituída enquanto prática de trabalho na atenção ao usuário abusivo de drogas ilícitas, primeiro desfocou dessa questão e das DST's/AIDS e, passando por outros movimentos, mais recentemente está desfocando da questão das drogas ilícitas; e, desfocando da questão das drogas ilícitas, se fortaleceu como método clínico-político ampliado.

Sabemos que a inventividade que produz morrimentos pode também produzir movimentos, pois as pessoas que fazem usos abusivos se debatem (desde as mais tênues às mais amplas dimensões) com excessos, principalmente, de vida; os usos e os abusos de drogas (lícitas ou ilícitas) ou de qualquer outra coisa serão sempre apenas um dos pontos no imenso descampado da vida da pessoa; a vida, as potências, as impotências, os querereres, os fazeres são muito maiores do que isso, a pessoa em si, não é só os usos ou abusos que faz na vida.

A RD nasceu dos movimentos das gentes e é decorrente da produção marginal (à margem do legalmente aceito e preconizado), e da produção de afetos e contágios -contágios para além das doenças e do orgânico-; contágios de generosidade, de solidariedade, de afetos, de fluxos, de movimentos, fazendo reverberação/ritorno na vida das gentes e viabilizando a produção de redes e forças (potência). Muitos teóricos e poetas do fazer público⁴ já chamaram a atenção para esse aspecto poético do contágio; assim como o contágio propagador da transmissão de vírus e de doença produz morte e sofrimento, é também por essa via que se constitui e propaga a perspectiva de produção de vida e vivimentos.

Esta proposta de pesquisa olha, no caminho, na direção do seu tema principal, para a RD em diferentes perspectivas de constituição; veja-se que enquanto Paradigma da Política Nacional de Atenção Integral para Usuários de Álcool e Outras Drogas, desdobrou a problematização e o enfrentamento ao paradigma proibicionista e da abstinência, constituindo-se de forma marginal, visto que suas estratégias e ferramentas iniciais estavam na contramão da oficialidade e da legislação sobre drogas; cabe anotar que as estratégias em DST/AIDS produziram Redes de Mobilização (envolvendo Serviços, Usuários, comunidade, território) e consolidaram essa Política (Cf. SOUZA & PASSOS, 2009).

A criação de um plano articulado em rede mobilizada socialmente gerou uma “zona de passagem” entre as minorias e a máquina estatal, fazendo do contágio e propagação da RD, uma forma de mobilização das minorias; veja-se que a infiltração na máquina de Estado, ampliou suas frentes de articulação, acionando novos processos e instituindo novos dispositivos de gestão e atenção, e viabilizando a construção de um novo sentido para política pública, se distinguindo das políticas estatais e alterando as mesmas. A força da RD se apresentou mais como questão de ordem política do que técnica, pois equivocava a lógica totalitária que rege o universo das drogas na justa medida em que cria uma rede de mobilização comum (Cf. SOUZA & PASSOS, 2009).

Uma das características mais importantes no campo da RD é o fato de que se produz no movimento permanente, feito de continuidades e discontinuidades, enquanto produção de experimentações –na coragem de ir tateando e tecendo novos, outros pensares e outros fazeres-, na capacidade de reconhecer no outro a singularidade do seu processo, enfim, em sua condição de trabalho vivo feito da capacidade inventiva que perpassa os campos ético-estético-político. Ético, por se compor a partir das experimentações e escolhas individuais do

⁴ Chamo de poetas do fazer público, aqueles trabalhadores públicos que são fazedores e pensadores de invenções em suas atuações, ou seja, que tomam o fazer laboral em sua dimensão inventiva, em sua dimensão poética e nessa toada desdobram os existires.

sujeito, baseadas não numa idéia de moral, mas sim de justeza e justiça; estético, por ser resultante da composição e da invenção da vida; e, político, por se tratar do lugar do sujeito e de sua relação com o mundo.

Já, a RD enquanto método clínico-político implica no reposicionamento subjetivo de todos os envolvidos nesse trabalho (usuários, trabalhadores, comunidade). Os usuários são convocados a assumir uma posição não mais passiva nas práticas de cuidado. Novos atores surgem nas práticas de produção de saúde, gerando o efeito de produção de protagonismo entre aqueles que, a princípio, seriam tão somente 'pacientes' das ações de cuidado e que, por ora, tornam-se também produtores de uma nova política de saúde. Entre os trabalhadores, que deixam de ser meros executores da política de saúde e entre a comunidade, que passa a atuar solidariamente na atenção ao uso de drogas, passa-se a operar o cuidado como condição própria das relações humanas (cuidado de si e do outro), redimensionando a questão da qualidade de vida, constituindo práticas territoriais; vê-se que a produção de saúde e a produção de subjetividade se apresentam como dimensões indissociáveis (Cf. SOUZA & PASSOS, 2009).

A RD tornou-se um método clínico-político realizado por diferentes dispositivos, sejam eles: a atualização dos princípios do SUS (universalidade, integralidade e equidade), quanto as diretrizes da política nacional de álcool e outras drogas (transversalidade, clínica ampliada e ação no território) e as funções criadas pela própria RD (gestão comum, co-responsabilidade e cooperação); a afirmação como um caminho possível dentro do jogo de forças que compõe o campo político das drogas; e ações decorrentes da capacidade de mobilização que tal método pode produzir (Cf. SOUZA & PASSOS, 2009).

Para olhar para os excessos de vida e para compor o pensamento sobre o transversamento da RD da vida das gentes, na produção de subjetividades, é preciso olhar para as vidas como vidas-conceitos, como vidas-paradoxo que descontinuum as convenções e recriam inventividades, desconstituindo o instituído e provocando problematizações.

É preciso problematizar sobre o que seja a vida; sobre os usos e abusos que se operam em nossas existências; sobre os excessos de vida que desatinam aqueles que vivem vidas contidas; sobre o que estamos fazendo de nós mesmos; sobre as perspectivas éticas de nossos existires; sobre a os processos criativos (estética da existência) na produção de processos de subjetivação; sobre a dimensão em que operamos o cuidado de si e do outro.

É preciso, então, desenhar um ontologia crítica do presente, problematizando o

modelo de vida dominante (consumo, competição, perspectiva exploratória e predatória, individualismo), o que nos remete a pensar a questão da produção da subjetivação a partir da forma como nos deixamos e fazemos atravessar por determinantes humanos, históricos, culturais, políticos, econômicos e sociais, fazendo-nos sujeitos éticos e agentes morais. Enfim, o que se pode fazer para lidar com a vida e com os excessos de vida e fazer disso vivimentos e não morrimentos; e aqui cabe lembrar que para Foucault *“o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através das práticas de liberação”*; fazer de sua vida uma obra de arte, uma invenção permanente, uma criação, uma invenção de si, implica na resistência ao que está convencionado e absolutizado como modelo identitário e normalizador, produzindo uma subjetividade genuína, singular, a partir daquilo que não faz elemento numa série, que não se faz simulacro de outras obras e que se cria a partir do interesse próprio do sujeito, a partir da invenção de si (FOUCAULT in: DREYFUS & RABINOW, 1995).

Os processos de subjetivação, a resistência, a reinvenção das condições e processos de subjetivação, se dão em reação ao totalitarismo e absolutismo do modelo dominante. O encontro de novas resistências contra uma subjetividade que a cada dia impera. A ética do cuidado remete ao coletivo e não somente ao indivíduo. A relação consigo pressupõe a relação com o outro e com todo o meio em que se vive (CARMO, 2007, p. 65). Esta é uma perspectiva que vem sendo desenhada, ultrapassando as justaposições dicotômicas e abrindo infinitas variáveis de condições de possibilidades de vivências, experimentações e articulações. Isso muda as relações interpessoais e grupais, propiciando a invenção da política de saúde no (des)caminho da promoção da vida e da produção de fluxos. Isso muda a produção dos processos de subjetivação no contemporâneo.

MÉTODO

Este percurso de pesquisa não propõe propriamente um método, visto que foge da linearidade de uma metodologia exata e precisa, e, transitando no campo da filosofia da diferença, trabalho com a perspectiva cartográfica, olhando para a vida para além do pensamento acadêmico clássico, procuro escrever a escrita dos existires, composta na poesia/na invenção das vidas, sem deixar de olhar os versos com que transversamos nossos versos (nossas ideaduras, nossos pensares, nossos querereres, nossos fazeres); trabalho com a ideia de não

impor às gentes com que fazemos nossas lidas cotidianas, uma moldura acadêmica à qual teriam que se ajustar para podermos lhes ver, pois entendo que é preciso ver e sentir a vida do outro (e por conseqüência, a nossa) e, assim, ensinar a inventar ferramentas e dispositivos que ajudem a andar com as gentes e compor seus existires e suas andanças.

Penso que costumamos escrever pouco sobre os vastos territórios das existências que transitam nos campos das políticas públicas ou nos campos mais privados; escrevemos pouco sobre nossas experimentações, sobre nossos pensares e nossos fazeres, sobre as vidas com que transversamos nossos versos; cartografamos⁵ muito pouco de nossas andanças e daqueles com que andamos; não nos é dado olhar para a escrita de nossos fazeres que fica inscrita na vida das gentes, então tai a escrita que mais prezo: a escrita da vida, as formas com que a vida se escreve dentro e fora de cada um; isso que chamo de versos que transversam com outros versos, vida que transversam com outras vidas.

Vemos, assim, que os caminhos e descaminhos traçados na geografia das ruas e na geografia das vidas das gentes, não têm linhas fixas... nos mostram as andanças lá por dentro das entranhas dos existires e dos viveres das gentes tortas que não cabem nas exatidões da ciência, da academia ou do olhar com que muitos olham para a vida dos viventes... é com um olhar maiúsculo dirigido às vidas minúsculas, que tornamos maiúsculos esses existires. É preciso, aqui, ampliar, em vez de reduzir ou fixar. É preciso aprender a desconhecer, para se permitir olhar para além das molduras e quiçá, um dia, vir a conhecer.

Isto posto, pretendo trabalhar com o mapeamento bibliográfico dando conta das noções e campos teóricos apresentados neste Projeto; com o mapeamento de documentos e registros realizados durante minha atuação como Tutora no Projeto Caminhos do Cuidado; e com a produção de documentos cartográficos que contemplem os campo bibliográfico e da tutoria,

⁵ Tomo como referência em minhas andanças e neste projeto de pesquisa, uma noção de cartografia que diz o seguinte: *“Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações. Ao mesmo tempo, sustentar uma postura ético-estética de acolher a vida em seus movimentos de expansão segundo implicações políticas do tempo, do perspectivismo, da contingência e invenção.// O termo ‘cartografia’ utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre ‘territórios’ e dar conta de um ‘espaço’. Assim, ‘Cartografia’ é um termo que faz referência à idéia de ‘mapa’, contrapondo à topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado.// A cartografia não determina em si uma metodologia, porém antes, propõe uma discussão metodológica que se atualiza na medida em que ocorrem encontros entre sujeito e objeto”* (KIRST, 2003, pg. 91-2).

perfazendo os caminhos transversalizadores da RD nas práticas de atenção básica em saúde e na vida das gentes, a partir do Projeto Caminhos do Cuidado, assim como, os efeitos desses percursos na produção de processos de subjetivação e modos de vida no contemporâneo.

REFERÊNCIAS

CARMO, Miguel Ângelo Oliveira do. Exercícios de liberdade: Foucault e o cuidado de si. In: **Revista Mente, Cérebro e Filosofia**. São Paulo, Duetto Editorial, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1 Ed. (1992) 5 Reimp. 2006.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul.

Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari – Biografia Cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KIRST, Patrícia G. & outros. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, Tania Mara Galli. & KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SOUZA, Tadeu de Paula & PASSOS, Eduardo. Redução de Danos no Brasil: aspectos históricos e políticos. In: TEDESCO, Silvia & NASCIMENTO, Maria Livia (Orgs.). **Ética e Subjetividade: novos impasses no contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

3 ... DUNS PROPÓSITOS...

A partir do projeto inicial de pesquisa, muita coisa se movimentou e muita coisa foi mexida na vida. E seguimos essa andança.

Num dos inícios deste processo, havia a perspectiva duma dada proposta de pesquisa, para o que, fiz um convite para pessoas com quem já compus ou componho minhas andanças pessoais e de trabalho, para que pudessem contribuir nessa toada. Muitas contribuições vieram, mas a vida me pegou pelas crinas e me levou por outros caminhos. Ficou a junção de muitos afetos e afetações, reunidos em registros daqueles que, d'alguma forma se sentiram convidados a escrever.

CONVITE À ESCRITA

Venho, por meio deste, convidar-lhe para participar e compor o meu processo de pesquisa e produção de minha dissertação de mestrado, escrevendo ou gravando uma fala, sobre o seu processo de vida a partir do cruzamento das suas andanças (pessoais, profissionais, emocionais, afetivas, intelectuais ou de qualquer outra ordem) com as minhas andanças. Escreva ou fale aquilo que quiser dizer sobre isso.

Como estou operando esse processo de pesquisa? Venho de muitas luas arrecadando impressões sobre como as perspectivas da Redução de Danos e da Esquizoanálise provocas as pessoas a pensarem aquilo que está instalado em suas vidas, quando nos ajuda a mostrar que a droga lícita, o medicamento, a alimentação, as diferentes coisas que o mundo do consumo nos ensina a comer, beber, usar, consumir, enfim, os usos e abusos em geral podem ser danosos e que não se trata de constituirmos uma vida asséptica e ariana, mas sim, de, reduzindo danos e redimensionando nossa relação com essas situações, podemos produzir uma outra metamodelização existencial.

Afora isso, a Esquizoanálise me ensinou a acompanhar processos, a cartografar andanças; e nessa toada, fui vendo que não há um modo técnico ou um modo objetivo, pontual e preciso, que possa operar objetiva e radicalmente sobre a vida das pessoas. É preciso, ao cartografar, perceber quais sejam os agenciamentos territoriais de enunciação que operam efeitos sobre a subjetividade da pessoa... pode ser qualquer

coisa, uma palavra, um som, uma música, uma imagem, um retrato, uma lembrança, uma frase ouvida pela metade, uma coisa mal entendida, um filme, um ensinamento, uma aprendizagem, um conhecimento, uma resistência, uma leitura de auto-ajuda, uma reza, um benzimento, umas conversas com alguém da psicologia ou de qualquer outra área técnica, uma experimentação, uma reza, uma cartomancia, uns búzios, uma conversa qualquer, um passeio, um descanso, um ócio, uma pressão, uma missa, um culto, um cansaço, uma viagem, uma miséria, um encontro, um desencontro, um raio de sol, um prêmio num jogo de azar ou num jogo de sorte, uma esperança, um copo d'água, uma sede, um sorriso, um abraço, um aconchego, um corredão, um estampido, um cavalinho de pau, uma freada brusca, um gorjeio, um alarido, uma brisa, um sereno... é preciso reconhecer o que pode afetar a pessoa com quem con-versa-mos... conversar já o diz que significa fazer encontrar os versos, as nuances, as versões... encontrar, não necessariamente para convergir, mas para provocar processos. Enfim, um encontro, uma conversa, um diapasão de ideias, uma explosão, uma ruptura, uma junção, alguma coisa que provoque acontecimentos, movimentos, eventos, episódios, desdobramentos, pensamentos, imprecisões, furacões, brisas leves, invenções.

Para que cada um possa dizer como se deram os seus movimentos de contágio e de modificação do pensamento, cartografar os seus processos, desencarnar de si, fiz e sigo fazendo um convite à escrita, da seguinte forma: Sou psicóloga, dentre outras fações. Também escrevo. Mas muito mais me interessa, a vida que ajude que outras pessoas ajudem a escrever dentro ou fora da vida das gentes. Agora estou pesquisando e escrevendo minha dissertação de mestrado em psicologia da saúde e também, ajuntando essas escritas que se escrevem e se inscrevem nas vidas das muitas gentes com que lido, assim como, o que delas se escreve e se inscreve em minhas muitas vidas. Assim, convido-lhe -você com quem já cruzei caminhos nos campos profissional, pessoal, de amizade, de parceria, dentre outros-, a vir compor esta escrita... conte-nos, narre-nos, anuncie-nos, apresente-nos, escreva alguma coisa que diga como foi, como è o encontro que tivemos, que temos... como foi, como são os muitos encontros que você já teve em sua vida e produziram em sua vida, algum desdobramento fora do usual, do banal, do cotidiano, do corriqueiro... quais são as

intensidades que lhe vem disso... enfim, diga do seu jeito, com as suas palavras, com o seu entendimento como foram e como se deram esses processos em sua vida.

Minha proposta è de que a pessoa possa mostrar, possa cartografar um pouco disso que se modificou em seus processos de vida e de trabalho, e também, um pouco do que se modificou na vida das pessoas do seu entorno, de suas relações pessoais, com quem trabalha –ou, também, falar do que travou, do que trancou, do que bloqueou-; que a pessoa possa falar não de teorias, de coisas que leu –e também pode ser sobre isso-, mas de coisas que viveu, de coisas que vive e, a partir disso, com essas escritas, vou tecendo o pano da minha escrita (veja-se que tem os que querem sò falar/gravar, para que eu possa transcrever)... recém fiz a proposta para algumas pessoas e estou fazendo para outras, para compor esta escrita com as suas escritas... alguns já estão escrevendo, outros conversam comigo sobre o que estão pensando, outros estão pensando na coisa, elaborando o que querem dizer, produzindo entendimento sobre as coisas que vivem ou que viveram.

Enfim, conto imensamente com a sua prazerosa participação!

4 É POR SER RIZOMA, QUE SE ESPALHA!

No que eu conto, há duas partes: a que encontro aqui ou ali, traduzida em termos de boa vontade e de readaptação social, e devidamente castrada do essencial, que se encontra na outra parte, a qual teimo em nomear, em rebatizar incessantemente de: as circunstâncias, o imprevisto, o qualquer coisa, o inédito, o alhures, obstinado em encontrar a palavra certa, que não se deixa submeter a uma lei, um serviço, um estatuto, como aconteceu com tantas palavras-chave, uma palavra simples que lembre sem cessar que o homem é um caso de imaginação criadora e não de referência a leis, e que o criador, o pai e todo o resto pode ser qualquer um, é o outro e sou eu.

Fernand Deligny
Vagabundos Eficazes

Quando nos aventuramos num processo de pesquisa, o fazemos guiados por problematizações que nos incitam à curiosidade e à vontade/necessidade de conhecer aquilo que nos provoca pensamentos. A pesquisa clássica, a pesquisa quantitativa e mesmo a qualitativa, nos lança a precisar números, modos, formas, afetos, modulações e tudo o mais. Mas, em se tratando do campo das ciências humanas, principalmente, podemos não fazer dessa forma, mesmo que estejamos na academia e que esta mesma academia reconheça, de antemão e com mais valoração, aquilo que mostra molduras, bordas reforçadas, exatidões inquestionáveis e inquebrantáveis, estatísticas que transformam as dores, os afetos, as vivências, os sonhos, os alaridos, as decomposições, em números, em precisões. Com isso, não desqualifico esses modos de pesquisa e de ameahamento de conhecimentos -quantas vezes precisamos de suas exatidões para mostrar porque é necessário olhar pra vida de outras formas, por exemplo, quando falamos da violência, da exploração humana e de tantas outras coisas, nem sempre nos basta dizer que essas situações existem, sendo preciso mostrar quantos, como, onde, quando, a partir de quais fatores; então precisamos dessas informações sistematizadas e para isso, alguém precisa fazer. E faz.

Quando o fazemos, somos condicionados por toda uma liturgia acadêmica que nos coloca a pesquisar do jeito e da forma como isso cabe nas ferramentas clássicas de avaliação, então mensuramos, testamos, validamos, usamos a linguagem mais

adequada, observamos o que nosso programa nos exige, atendemos às demandas e interesses de nossos orientadores, e, muitas e muitas vezes, esquecemos que o pesquisador ou o pretense pesquisador seja um ser humano, cheio de limitações, cheio de convicções difíceis de serem desconstituídas, cheio de inseguranças, fragilizado, vulnerável, que mal sabe escrever, que nunca leu muita coisa, que tem uma curiosidade mais dirigida e pontual, que tem dificuldade para produzir pensamento, que teve professores que só o ensinaram a professar e nunca lhe provocaram a problematizar, ou ainda, simplesmente esquecemos que o pesquisador seja gente e que esteja vivendo a vida, no tempo dos acontecimentos. Assim, soe também, de querermos trabalhar com outras perspectivas de pesquisa, até porque, a prática investigativa de cada pesquisador pode estar associada não somente a um campo teórico e técnico de pesquisa, mas também, aos modos e processos de subjetivação que o mesmo constituiu enquanto gente e enquanto pesquisador.

Nos campos clínico, institucional e social, trabalho sempre com a vida agenciada nas demais e diferentes vidas, não com os percursos que são meus, individuais, sozinhos, pequenos, enxutos, mas com os percursos de cada um, com a composição singular da sua vida; enfim, olho como se constitui cartograficamente aquilo que é individual, ou seja, como se produz uma história de si, como se produz a escrita de si e como se dá a composição das multiplicidades.

É imperioso, neste momento, dizer que venho de experimentações que me fizeram viver nas vísceras das noções. Transito num tempo em que não há muito o que dizer. Apenas ando; melhor, deambulo. Deambulo, sinto e vou. É um tempo feito do encontro da minha vida com outras vidas. Não é precisamente um bom encontro. É uma explosão, um extravio, um estrago sem tamanho, imensurável. É um estrago que se espalha. E é por ser rizomático, que se espalha.

Sabemos que os conceitos, as noções existem enquanto formulação teórica e assim, geralmente as compreendemos. Assim estava eu, num percurso de pesquisa que pretendia mostrar a operatividade e o agenciamento produzido pelos intercessores da Esquizoanálise e da redução de danos⁶ na vida e na prática clínica, quando fui eu mesma jogada, na minha vida pessoal, no olho do furacão da loucura e do desvario, e

⁶ Passo a utilizar a sigla RD.

isso me colocou a olhar mais amplamente, a dimensão humana e vital, das noções com que trabalho. Não tenho mais nenhuma possibilidade de sair ilesa. Mal sei se tenho a possibilidade de sair.

Faço, então, esse introito de coisas que são por demais pessoais e dumas letras que compõem a vida corrente. Coisas que dizem quem sou, o que faço e como me inventei do jeito que sou, e como isso tem sido determinante em minha forma de operar o meu trabalho. Falo na primeira pessoa, porque é na primeira pessoa que vou compondo minhas andanças e não me curvo a determinantes formais e estilísticos que dizem a posição que deve assumir o pronome, frente às andanças que são de cada um e que conjugam a primeira pessoa com as demais.

Carrego na vida, uma história que vem de herança subjetiva do meu pai, que tem a ver com a sua lida com a loucura e com o uso abusivo de álcool (essas duas situações relacionadas às duas companheiras que teve durante a sua vida, sendo a segunda, a minha mãe). Passei anos e anos me desviando da loucura. Inventando outros fluxos, outros trajetos, outros processos, outros percursos, mas nunca saí de sua rota. E me veio um tempo, recentemente, em que foi preciso olhar isso de frente: encarar a loucura nos olhos e lhe agarrar pelas tripas.

Soe dizer, que respeito o mar e a loucura. Tanto um quanto o outro, quando em calmaria, são quase só poesia, mas sabemos que guardam navios naufragados e outros afundados. Abrigam vidas que mal conhecemos. Acolhem mortes e dores das quais pouco ou nada sabemos. E quando revoltos, nos puxam para suas profundidades ou nos arrastam pelos seus mais diversos territórios! O mar raso é relativamente seguro. A superfície da loucura é relativamente segura. Seus limiares, seus sedimentos, seus extratos, suas intensidades são da ordem do desconhecido e do inexplorado. São platôs feitos de muita densidade.

Sou feita pela vida e também pela loucura. A vida vivida nas carnes, nos cérebros, nos ossos, nos sentimentos, nos afetos brutos, nas misérias teatinas dos vadios de si; então vivo dentro das letras me esgueirando entre cursivas e caixa-alta, desembrulhando palavras, ajuntando frases, inventando coisas, inventando afetos, escapando do ardido, chorando alegrias, juntando pontos pra deixar abertos, finais que,

às vezes, nunca se fecham. Uma finalização pode ser sempre, o agenciamento dum outro processo. Uma finalização pode ser uma conexão, uma intercessão.

Preciso dizer que a vida me tem sido muito mais tornado do que rizoma, mas não somos de parar a vida para viver nos intervalos. E no meio do furacão, ainda vemos bulbos sendo arrancados e jogados ao longe, em condições o mais improváveis, possível. E lá, ainda vicejam. Vivo um tempo absurdamente esquizo. Vivo um tempo em que a loucura perdeu seu matiz teórico e de campo de trabalho, e se instalou em minha vida de forma vicejante. A loucura do outro, cruzada com a loucura que faz parte de minha história. A loucura do outro, cruzada com a minha loucura.

Quando nos propomos a ser e estar no mundo, estamos aí para vivenciar coisas dadas e prontas, mas também, para modificar aquilo que entendemos como danoso, equivocado ou que precise ser transformado. Olho a loucura, com as letras de Baremlit (2003), quando diz que “a Esquizoanálise entende a loucura e o delírio como reveladores, não tanto de conflitos familiares ou edipianos, mas sim como cartografias históricas universais” (p. 102) e com as letras de Deleuze, quando diz, numa entrevista a Claire Parnet⁷, que:

As pessoas só têm charme em sua loucura, eis o que é difícil de ser entendido. O verdadeiro charme das pessoas é aquele em que elas perdem as estribeiras, é quando elas não sabem muito bem em que ponto estão. Não que elas desmoronem, pois são pessoas que não desmoronam. Mas, se não captar aquela pequena raiz, o pequeno grão de loucura da pessoa, não se pode amá-la. Não pode amá-la. É aquele lado em que a pessoa está completamente... Aliás, todos nós somos um pouco dementes. Se não se captar o ponto de demência de alguém... Ele pode assustar, mas, quanto a mim, fico feliz de constatar que o ponto de demência de alguém é a fonte de seu charme.

⁷ O *Abecedário de Gilles Deleuze* é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989. Como diz Deleuze, em sua primeira intervenção, o acordo era de que o filme só seria apresentado após sua morte. O filme acabou sendo apresentado, entretanto, com o assentimento de Deleuze, entre novembro de 1994 e maio de 1995, no canal (franco-alemão) de TV Arte. Deleuze morreu em 4 de novembro de 1995. A primeira intervenção de Claire Parnet foi feita na ocasião da apresentação (1994-1995), enquanto a primeira intervenção de Deleuze é da época da filmagem (1988-1989).

Vejo nisso, agenciamentos que produzem encontros, talvez, aquilo que chamamos de bons encontros. Mas que podem desdobrar em encontros catastróficos, também. Entendo a loucura, como a dobra do fora, como aquilo que, assim como a arte, demonstra a deambulação da existência, mostrando que ela é coxa, não linear, não padronizada, não concebida.

É em função disso, que vivo um tempo em que pouca coisa me interessa. Olho as letras escritas nos livros e poucas delas formam palavras, frases, pensamentos em minha cabeça. Vivo um tempo em que a vida borrifou veneno de realidade em meu imaginário e não sobrou espaço para barroquear dobras. Ficou tudo liso, reto, esticado, sem um vinco, sem uma cova, sem uma cavidade. Alguns chamariam isso de estado depressivo. Eu chamo de estado esticado. Estou, agora, praticamente saindo dum estado esticado, mas oscilo e quando penso estar saindo, me vejo em esticamento novamente.

Chegou um dia em que eu não olhava para nada. Não conseguia olhar para nada. O corpo anunciou seus limiões mais altos nas intensidades que lhes foram imputadas. O corpo deprimido. A subjetividade deprimida (não me perguntem que raios isso possa significar). O sistema nervoso central deprimido. Nada mais de dopamina. Nada mais de adrenalina. Nada mais de serotonina. Mais nenhuma in. A pressão sanguínea estourada (e eu que nunca fui hipertensa, me vi tendo os miolos estourados em função da hipertensão). Pouca coisa servia para me animar. Vi-me por morrer. E quis morrer. Não suportava mais tanta intensidade. Não dava conta de tanta intensidade. Era preciso fazer isso parar, cessar.

Uma coisa me manteve no prumo, por incrível que pareça: o trabalho. E mais duas coisas me mantiveram o tino: os meus filhos e o meu compromisso irrenunciável em concluir o mestrado.

As coisas todas que estudei, as coisas que li, as coisas que comumente pensava, a percepção apurada dos acontecimentos ao redor, tudo isso ficou esmaecido. Era como se eu tivesse formado uma placa dura de calcário, de cimento, segmentando a minha cabeça. Eu sabia que tudo estava ali, mas eu não tinha acesso. Estava intoxicada de vida. Estava intoxicada de intensidades. Estava sobrecarregada

de estimulantes e de estimulação. Passei durante muito tempo, vivendo coisas que nunca imaginei viver. Passei muito tempo sendo terreno de rizomas esquecidos, de rizomas abandonados que, duma hora pra outra, começaram a vicejar. Fiz formação teórica sentindo as noções se formarem dentro de minha própria carne, dentro de minha própria vida. E hoje, enquanto escrevo, não sei ainda se conseguirei sobreviver. Se estarei aqui ao fim dessa andança. Não sei qual é o fim. Não sei onde é o fim. Não sei onde nada começa. Não sei de nada. Sei que estou indo.

Fui travando aos poucos. Vez ou outra eu falava para algum amigo ou amiga, ou para alguém próximo, que eu não estava mais dando conta da vida e que estava prestes a sucumbir. Eu precisava que alguém fizesse alguma coisa por mim, porque eu já não conseguia fazer. Eu precisava d'alguma intervenção. E demorei em entender minha falência. Eu fali. Fali emocionalmente. Fali afetivamente. Fali subjetivamente. Fali socialmente. Consegui manter pontos de âncora que me sustentaram de forma muito imprecisa. Meu corpo se tornou um corpo preparado para acolher (nem enfrentar e nem lidar) a loucura e o desvario; para acolher o colapso a qualquer momento; para dar conta das intensidades invasivas que vinham do outro. Era um corpo tenso, um corpo denso, um corpo que alcançou níveis altíssimos de intoxicação por hiperestimulação, por intensidade, por alerta contínuo. Era um corpo paralisado pela intensidade. Não havia mais descarga de adrenalina, pois havendo algum episódio que exigisse a minha atenção e atuação, eu precisaria estar alerta e não poderia me entregar ao vacilo dum susto, duma paralisia, dum travamento. Era preciso estar alerta. Alerta estive, até travar.

Sabemos que as questões relacionadas ao campo mental/psicológico/subjetivo, enfim, às coisas da cabeça, costumeiramente são vistas e tidas como absolutas. Mas é preciso olhar sua constituição e ver como se instala em nós, uma sobreposição de substratos que vão, aos poucos, produzindo intensidades. Uma depressão, uma fobia, um medo, um transtorno e tantos outros estados subjetivos//psicológicos, são entendidos como coisas que se instalam na pessoa como se fosse um câncer maligno irreduzível, intransponível, irreversível. Como não estamos habituados a pensar a vida e as coisas da vida, quando algum extravio, quando algum problema se apresenta, não conseguimos desdobrar o seu processo e nem o seu percurso. Vemos a fobia como

uma coisa que está instalada dentro da gente e que, no menor descuido, pode saltar à superfície e nos paralisar. Vemos a depressão como um estado que, dormente, pode acordar sem que nos demos conta. Enfim, são tantos estados que se produzem no e com o ser humano; os problemas orgânicos, cuja origem, desenvolvimento e efeitos podem são insistentemente verificados, mensurados, identificados, etc, principalmente no campo orgânico mesmo -mas também no psicológico-; já, os problemas psicológicos se apresentam muito mais no campo da imaterialidade (do corpo sem órgãos), pois são verificáveis organicamente, somente quando interferem no metabolismo, no funcionamento ou na operatividade do organismo, ou melhor, quando o limiar de intensidade alcança um estado tal, que o órgão não suporta, que o organismo não suporta. É preciso ver como esses eventos são capitalizados e se transformam numa subjetividade e não somente numa sucessão de situações adversas.

Foi possível perceber, assim, que os limiares de intensidade podem ter, também, dimensões mortíferas. Entendi o corpo sem órgãos que se desenha por esses limiares de intensidade. No corpo vivido, não se sabe onde está essa possibilidade de ampliar sempre um pouco mais, a capacidade de suportabilidade. Sempre um pouco mais. Amplia-se sempre um pouco mais. Arrebenta-se o órgão. Arrebenta-se o cérebro, arrebenta-se o coração, produz-se um câncer, cria-se um distúrbio, desordena-se o metabolismo, provoca-se um tensionamento, uma contração, uma dor contínua, um amortecimento. As intensidades também matam em vida. As intensidades não são somente conexões de bom efeito. Zourabichvili (2004, p. 15) nos apresenta isso quando mostra que

(...) não existe experiência do CsO como tal, salvo no caso da catatonia do esquizofrênico. Compreende-se a ambivalência à primeira vista desconcertante do corpo sem órgãos: condição do desejo, nem por isso deixa de ser 'modelo da morte', envolvido em todo processo de desejo (...). O CsO, no que se refere aos órgãos, é ao mesmo tempo 'repulsa' (condição sem a qual um organismo se sedimentaria, de modo que a máquina não funcionaria) e 'atração' (os órgãos-máquinas inscrevem-se sobre o CsO como diversos estados intensivos ou níveis que o dividem *em si mesmo*) (...). Ou ainda: instância de

antiprodução no cerne da produção (...). Tal é a articulação frágil - uma vez que roçando por natureza a autodestruição - dos dois dinamismos evocados acima, articulação nomeada produção de real, de desejo ou de vida (compreende-se ao mesmo tempo por que uma máquina desejante 'só funciona ao se avariar').

Penso, assim, que seja preciso desconstituir nossas capturas, desinventar nossas cumplicidades com os intercessores das mesmas, desformatar aquilo que encena nosso desejo. Que seja preciso inventar mapas. O campo esquizo não marca lugares feitos de fixidez. A cartografia segue os rastros das andanças de cada um, das composições e de(s)composições dos terrenos; segue os movimentos daquele que anda e daquele que não anda. Segue os movimentos, apenas. O que dizer sobre quem caminha? O que dizer dos seus processos? Como desterritorializar os seus desejos? Barembliit (2003, p. 48) nos diz que:

Toda e qualquer montagem que se invente para realizar a Esquizoanálise de toda e qualquer singularidade desejante produtiva, que se denomina agenciamento ou dispositivo, é aceitável. Todo dispositivo desse tipo terá de ter um componente pelo qual se constitui em uma "máquina de guerra", ou seja, em um agenciamento que tem por objetivo defender-se dos ataques da superfície de registro e/ou destruir os equipamentos com os quais a maquinaria repressiva tende a reprimir, eliminar ou capturar as singularidades produtivo desejantes.

Olho para essas coisas e tento desenhar mapas. Mapas sobre vidas. Mapas sobre pensamentos. Trabalho e atuo com o encontro da Esquizoanálise e da RD.

Para expressar um pouco mais das coisas teóricas e práticas com que lido no campo da Esquizoanálise e no pensamento de Deleuze e Guattari⁸, faço uso das palavras de Barembliit (1998, p. 14-5), dizendo:

Não é um pensamento discursivo, mas segundo a própria definição deles, é uma máquina fundamentalmente energética, destinada a vibrar

⁸ Sabemos que Deleuze e Guattari são discordantes no desenho e utilização de uma série de noções, mas escolhi não me ater a esse ponto.

e a fazer vibrar aqueles que dela se aproximam e a engajá-los em um movimento produtivo, que não passa exatamente pelas ideias nem pelas palavras, mas pelos afetos. Por afetar e ser afetado. Passa pela capacidade de vibrar em consonância, passa pela capacidade de despertar o entusiasmo, a vontade de viver, a vontade de criar. (...) eles estão sempre integrados a um tipo particular de militância. Eles têm um ‘pé’ numa ação concreta que se exprime e se inspira nesses escritos, dentro da famosa ideia de práxis, ultimamente tão esquecida. A proposta de uma micropolítica é a ação política que acompanha a proposta analítica desses autores, que se chama ‘Esquizoanálise’. A Esquizoanálise é uma leitura do mundo, praticamente de ‘tudo’ o que acontece no mundo, como diz Guattari em seu livro sobre As Três Ecologias, sendo uma espécie de Ecosofia, uma ‘episteme’ que compreende um saber sobre a natureza, um saber sobre a indústria, um saber sobre a sociedade e um saber acerca da mente. Mas um saber que tem por objetivo a vida, no seu sentido mais amplo: o incremento, o crescimento, a diversificação, a potenciação da vida.

Assim, trabalho com a ideia de que a vida seja rizoma⁹, seguindo o que está

⁹ Em Mil Platôs, Deleuze e Guattari (200[^]) formulam os princípios da cartografia, seguindo a referência de rizoma. Vejamos:

“1^o e 2^o - Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (p. 15).

“3^o - Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes” (p. 16).

“4^o - Princípio de ruptura a-significante: contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (p. 18).

“5^o e 6^o - Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda. Um eixo genético é como uma unidade pivotante objetiva sobre a qual se organizam estados sucessivos; uma estrutura profunda é, antes, como que uma sequência de base decomponível em constituintes imediatos, enquanto que a unidade do produto se apresenta numa outra dimensão, transformacional e subjetiva. Não se sai, assim, do modelo representativo da árvore ou da raiz-pivotante ou fasciculada (por exemplo, a “árvore” chomskyana associada à sequência de base, representando o processo de seu engendramento segundo uma lógica binária). Variação sobre o mais velho pensamento. Do eixo genético ou da estrutura profunda, dizemos que eles são antes de tudo princípios de *decalque*, reproduzíveis ao infinito. Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução” (p. 21).

formulado em Mil Platôs. A vida é rizomática em suas diferentes e múltiplas conexões, em suas rupturas, descontinuidades e multiplicidades. A vida é isso que se espalha e se compõem em estratos, substratos, sedimentos, platôs.

Deleuze e Guattari (2006) nos trazem essa riqueza de imagens quando nos mostram que não há o local e sim, o universal e trazem mais, demonstrando que a composição das multiplicidades seja atemporal e universal, feita de diferentes agenciamentos, *“As multiplicidades¹⁰ são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito”* (p. 8). Se olharmos por essa perspectiva, *“As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multipheidades”* (p. 8), ou seja, nenhum campo opera de forma desconectada, fragmentada, desarticulada; se ligam e desligam, se juntam e disjuntam, se unem e desunem, se transformam em muitos. O que forma, o que compõe o múltiplo vem das singularidades. Vejamos que *“Os princípios característicos das multipheidades concernem a seus elementos, que são singularidades”* (p.8); e isso diz da forma como cada encontro e cada processo se compõem, a partir dos agenciamentos, das redes, dos dispositivos, nas *“suas relações, que são devires^{11”}* (p. 8). O devir é sempre um encontro ou um não-encontro sem tempo para começar e sem tempo para acabar, aliás, não há começo ou fim e sim, continuidades e descontinuidades, transformações e desdobramentos, constitui-se no

¹⁰ "A multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de um, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo enquanto tal, que não tem necessidade alguma da unidade para formar um sistema" (Deleuze, 1988, p. 166). **Nota minha.**

¹¹ "Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão 'o que você está se tornando?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza. As núpcias são o contrário de um casal. Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal etc. Uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir. A vespa e a orquídea são o exemplo. A orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura pois" o que" cada um se torna não muda menos do que "aquele" que se torna. A vespa torna-se parte do aparelho reprodutor da orquídea, ao mesmo tempo em que a orquídea torna-se órgão sexual para a vespa. Um único e mesmo devir, um único bloco de devir, ou, como diz Rémy Chauvin, uma 'evolução a-paralela de dois seres que não têm absolutamente nada a ver um com o outro'" (Deleuze & Parnet, 1998, p. 10). **Nota minha.**

movimento. As multiplicidades concernem também, *“a seus acontecimentos, que são hecceidades (quer dizer, individuações sem sujeito)”* (p.8), que se operam enquanto desdobramento do mundo vivido. Também, *“a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres”* (p.8), que determinam os fluxos e as condições dos fluxos e *“a seu modelo de realização, que é o rizoma¹² (por oposição ao modelo da árvore)”* (p. 8), distanciando-se da ideia de raiz, de profundidade, de centralidade, de unidade, e mostrando o múltiplo territorializado, mostrando a composição do múltiplo; e assim, apresenta *“seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua)”* (p.8) usando o retrato da geologia, Deleuze e Guattari (2006) trazem, também, o entendimento de Gregory Bateson, que *“serve-se da palavra ‘platô’ para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior”* (p.33). E por fim, as multiplicidades concernem também, *“aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização”¹³*(p.8); o que diz dos movimentos que se desenham na produção de subjetividades e nas suas desconstituições. Não há sujeito, portanto. Há produção de subjetividades.

Aqui, não quero e não vou historiar conceitos e noções, até porque, Mil Platôs (incluindo o marco inicial de Anti Édipo), ainda é bastante referido à problematização e desconstituição teórica da linguística, do estruturalismo e da psicanálise (em cuja fonte Guattari bebeu intensamente), mas é onde aparecem com mais amplitude, as noções com que trabalho. Seria preciso, então, investir num desdobramento de pesquisa que contemplasse os movimentos teóricos desses autores. Assim, vou apenas trazer, ainda

¹² "Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo... Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades" (D&G, 2006, p. 31). **Nota minha.**

¹³ "A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual 'se' deixa o território." (Deleuze & Guattari, 2002a, p. 224) // "O território não é primeiro em relação à marca qualitativa, e a marca que faz o território. As funções num território não são primeiras; elas supõem, antes de tudo, uma expressividade que faz território. É de fato nesse sentido que o território, e as funções que aí se exercem, são produtos da territorialização. A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou componentes de meios tornados qualitativos." (Deleuze & Guattari, 2002b, p. 122). **Nota minha.**

que de forma superficial, aqueles que mostram os campos com que trabalho. Olho para a RD enquanto perspectiva ecológica e enquanto modo de vida, e para a Esquizoanálise enquanto território de composição de aprendizagens, de ecologias e de subjetividades. E busco nas platitudes subjetivas, o retrato dos encontros desses campos, das desterritorializações e das territorializações produzidas nas vidas das gentes e no fazer clínico.

Anoto, aqui, o agenciamento de enunciação¹⁴ da RD como intercessor na produção de processos de subjetivação no contemporâneo, ultrapassando a perspectiva territorial proposta pelo pensamento dominante de traçado proibicionista e provocando à produção estética de territórios existenciais marcados por outras formas de ser e de fazer a vida acontecer, passando pelo campo clínico e pelos mais diversos agenciamentos em saúde.

Olhando para as cartografias das vidas cujos territórios existenciais foram afetados e contagiados pela RD e pela Esquizoanálise como *agenciamentos de subjetividades territorializadas*, se problematizarmos os modos de subjetivação dominantes, que sequestram/capturam o desejo, as vontades e as subjetividades; tomando por referência os desdobramentos na vida das pessoas, no meu trabalho clínico, institucional e social, como psicóloga, vemos os processos disparados por

¹⁴ “Eu definiria o agenciamento de enunciação, fundamentalmente, como uma atividade de metamodelização. É a capacidade de associar, de criar um ‘corpo-sem-órgãos’, de criar novos tipos de coordenadas através de diferentes tipos de modelização. Se tomássemos a escala pentatônica, se tomássemos um novo tipo de timbre, um novo tipo de ritornelo, teríamos a metamodelização do debussismo, que é produção existencial. O que significa que a metamodelização não é simples metalinguagem de transcrição. É a novidade, a mutação. A narrativa é algo constitutivo da subjetividade nas sociedades arcaicas porque ela introduz uma memória, uma filiação. A narrativa fundamental, a narrativa de base é: ‘diga-me a lista dos seus ancestrais’. (...) nesse tipo de narrativa entram em composição agenciamentos que não são mais de apenas filiação, mas são elementos de proliferação mítica, e depois literária. Imaginemos o mito de um escriba perverso no Egito, no tempo em que essas máquinas de escritura serviam apenas para contabilizar sacos de trigo ou para marcar as inscrições funerárias. De repente ele começa a escrever para a namorada ou namorado. Nesse instante, ele acrescenta um componente erótico, faz eclodir um agenciamento de enunciação em uma máquina de enunciações, de narrativas, que não estava de modo algum prevista para isso. Eis como uma espécie de eclosão, que, entre outras coisas, deu o Cântico dos cânticos, começou a adquirir autonomia. Houve, então, uma política da narrativa para definir um certo tipo de agenciamento que iria criar, em outras épocas, protocolos de reorganização da libido que resultaram no amor cortês, nas narrativas cavaleirescas, e em outras coisas dessa natureza. Nesse momento essa narrativa tornou-se autoprodutora de subjetividade. Ou seja, a noção de escritura era, até então, adjacente a agenciamentos de subjetividade territorializados e, agora, a narrativa passa a funcionar como produtora de subjetividade. Houve uma reviravolta escritural”. (Guattari, 2016, p. 72-3).

esses intercessores que operam no contemporâneo. Penso isso com Kastrup (2000, p. 25), quando diz:

A resposta para a pergunta acerca dos intercessores que escolhemos para a psicologia na atualidade se insinua então: aqueles que, colocando o problema da invenção, nos instrumentalizam para abordar as novas formas de conhecer e habitar o mundo contemporâneo. Um diagnóstico do presente aponta que existem novos fluxos, em extrema velocidade. Sua novidade e velocidade ocasionam obstáculos e forçam à invenção. À psicologia cabe o entendimento do processo de produção para que possa trabalhar no plano estratégico, participando da invenção de novas formas de conhecer e viver’.

Tomo a RD como possibilidade de produção de afetos e contágios, reverberação/ritornelo na vida das pessoas, produção de redes, produção de intensidades, produção de inventividade, produção rizomática e, por sua vez, de movimentos, de deslocamentos.

Meu contato inicial com a RD se deu a partir do acompanhamento das discussões relacionadas ao assunto, nos espaços de participação comunitária, na política e nos serviços de saúde. Já, mais à frente, no ano de 2010, passei a fazer parte do então Projeto Ítaca¹⁵, quando pude participar de um processo de formação mais dirigida e ampliar minha leitura e entendimento sobre o tema. Desde então, tomei a RD não somente em sua perspectiva inicial de trabalho e nem somente como o mesmo se desdobrou ao longo do tempo, contemplando-a de forma ampliada, saindo do foco às DST/AIDS e às drogas ilícitas, e vendo-a como possibilidade de abordagem

¹⁵ Projeto Ítaca: redução de danos como ferramenta para práticas intersetoriais, desenvolvido com financiamento do Ministério da Saúde e operacionalizado, inicialmente, por um grupo composto pelo Professor Guilherme Carlos Corrêa (UFSM)), que pesquisa sobre drogas e RD, e foi coordenador do Projeto; Douglas Casarotto de Oliveira, psicólogo do CAPS AD CIA do Recomeço (Santa Maria/RS), mestrando em Educação/UFSM, com pesquisa sobre drogas; Flávia Costa da Silva, cientista social, sanitária, responsável pela implementação do Programa de Redução de Danos em Santa Maria/RS e mestranda em educação/UFSM; Cláudia Valéria Emanuelli Magalhães, psicóloga do município de Santa Maria/RS, lotada no Programa de Redução de Danos; e por Alexandra Raquel Porazzi, psicóloga do CAPS AD CIA do Recomeço (Santa Maria/RS). Esse grupo escolheu trabalhadores de vários lugares do Estado do Rio Grande do Sul, que tivessem uma atuação em RD ou o interesse nesse campo. Assim, passei a fazer parte desse processo, no qual, através de oficinas, organizamos um Curso para formação em RD. Nessa toada, comecei a tomar e pensar a RD como contágio e como modo de vida.

ao uso problemático de toda e qualquer substância ou situação, como um modo de cuidado e atenção, e, como um modo de vida.

Considero aqui, as três grandes fases iniciais da RD no Brasil, sendo a primeira delas, iniciada em 1989, em Santos; a segunda, iniciada em 2003, quando a RD surgiu, a um só tempo, como um método clínico-político e um paradigma da Política do Ministério da Saúde, de Atenção Integral para Usuários de Álcool e outras Drogas; e, a terceira, iniciada em 2004, a partir do Programa Nacional de DST/AIDS (Cf. Souza & Passos, 2009). Já, doutra banda, estando o Brasil em 2019, sendo governado por um governo de extrema direita, considero ainda, a LEI Nº 13.840, DE 5 DE JUNHO DE 2019, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas e as condições de atenção aos usuários ou dependentes de drogas e para tratar do financiamento das políticas sobre drogas, que retira a RD como diretriz¹⁶ da política de saúde, acrescento esse como uma quarta fase.

Tomo a abordagem sobre a RD em três dimensões, sejam elas: como método clínico-político; como paradigma da Política Nacional de Atenção Integral para Usuários de Álcool e Outras Drogas¹⁷; e, como Modo de Vida e produção de cuidado.

Enquanto método clínico-político considera-se o reposicionamento subjetivo de todos os envolvidos no trabalho de RD (usuários, trabalhadores, comunidade), demandando o protagonismo de todos e ultrapassando o desenho clássico do fazer em saúde, em que há uma hierarquização dos fazeres, em que os operadores dos serviços de saúde detêm o saber sobre a vida das pessoas “atendidas” e decidem o que fazer com relação aos seus problemas. Assim, os usuários são convocados a assumir uma posição não mais passiva nas práticas de cuidado e novos atores surgem nas práticas de produção de saúde, gerando o efeito de produção de protagonismo: entre aqueles

¹⁶ Esse é um ponto importante que busco problematizar: discordo da transformação da RD em diretriz das políticas públicas, visto que isso a retira de sua condição marginal, porosa, permeável, que pode estar presente nos diferentes fazeres e pensares, e a joga a esse campo meramente formal que, como vemos agora, no atual governo, pode ser retirada num canetaço. Entende que sua marca do contágio e da condição marginal, seja seu bem maior.

¹⁷ É preciso destacar que tomei inicialmente, a RD como Política Nacional de Atenção Integral para Usuários de Álcool e Outras Drogas, tendo como base a PORTARIA Nº 1.028, DE 1º DE JULHO DE 2005, assinada pelo então Ministro da Saúde, Humberto Costa, que determinava as ações que visam à redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, e que foi desconstituída com a publicação da LEI Nº 13.840, DE 5 DE JUNHO DE 2019, pelo Governo Federal, que aprova e institui a nova Política Nacional sobre Drogas.

que, a princípio, seriam tão somente “pacientes” das ações de cuidado e que, por ora, tornam-se também produtores de uma nova política de saúde; entre os trabalhadores, que deixam de ser meros executores da política e dos serviços de saúde; e entre a comunidade, que passa a atuar solidariamente na atenção ao uso de drogas e da produção de saúde, de um modo geral.

Quando falamos em cuidado, é bom assinalar que estamos falando do cuidado de si e cuidado do outro, visto que nessa remodulação de lugares dos atores envolvidos nos processos de produção de saúde, ultrapassamos a fixidez dos lugares de quem cuida e quem é cuidado; para cuidar do outro é preciso também cuidar de si e quem é cuidado, não deve se tornar um assujeitado refém ou dependente da atenção e do cuidado do outro. A noção de cuidado, com que se trabalha aqui, é no sentido, principalmente, de auxiliar aquele que precisa (por impossibilidade, fragilidade, vulnerabilidade, incapacidade, etc), no processo de resgate de sua autonomia ou na produção de sua capacidade de cuidar de si e vai além disso, como nos mostram Souza e Passos (2009, p. 100), quando dizem que:

O cuidado não se faz só como assistência de uns para com os outros, mas se orienta também e, sobretudo, como cuidado de si, corresponsabilidade dos sujeitos com a qualidade de sua vida; protagonismo de todos os implicados nas ações de cuidado. Usuários e trabalhadores não mais se distinguem e se separam como aqueles que cuidam e aqueles que são cuidados.

Trabalhamos, aí, com o redimensionamento da questão da qualidade de vida, que não se refere a um padrão idealizado a partir de referenciais fixos e normalizadores, mas sim, da produção singular do que seja a qualidade para a vida de cada um, conforme suas condições e seus condicionantes, conforme ao seu desejo, à sua necessidade, ao seu querer e às suas possibilidades.

Ademais, o trabalho com a RD é uma prática territorial, que deve acontecer de forma nômade, para além dos espaços institucionais oficiais ou centralizadas, contemplando os espaços de vivência, de trânsito, de permeabilidade e de porosidade

da vida das pessoas, ou seja, trabalhar no e com o território, vai para além do campo geográfico e não se refere somente ao espaço físico em que a vida da pessoa está *adscrita*; refere-se, também, aos territórios subjetivos, aos territórios afetivos e de composição da subjetividade de cada um, enfim, aos agenciamentos de subjetividade territorializados.

É preciso estar com a pessoa onde a sua vida acontece, é preciso compreender os caminhos de suas andanças, visto que a produção de saúde e a produção de subjetividade se apresentam como dimensões indissociáveis. E é nesse encontro que a RD, enquanto método clínico-político se faz tão importante na modificação das formas de entender, sentir, fazer, acompanhar e cuidar das práticas em saúde, pois na medida em que ajudamos a modificar esses processos, estamos provocando também, a produção de outras subjetividades. (Cf. Souza e Passos, 2009)

No que se refere à RD enquanto Paradigma da Política Nacional de Atenção Integral para Usuários de Álcool e Outras Drogas¹⁸, entendemos que se constituiu num importante vértice na modificação do pensar e do fazer em saúde –e mais propriamente, no campo da saúde mental, álcool e outras drogas-, visto que provocou a problematização e enfrentamento ao paradigma proibicionista e da abstinência, o qual, a partir deste ano, está sendo retomado com furiosa intensidade, e desconstituindo outras possibilidades de atenção e cuidado; tenha uma origem histórica de constituição marginal enquanto política de RD, o que assinala um modo de operar diverso das proposições cuja formação tenha se dado eminentemente no campo institucional e, agora, com sua retirada da Política Nacional sobre Drogas, volta à condição marginal –é claro que numa forma diversa do que se deu lá nos seus primórdios; agora, ainda não temos visto uma perseguição contumaz à RD, no campo institucional, mas no que se refere aos aspectos jurídicos e formais, já estamos vendo a desconstituição discursiva e a desconstituição da Política Nacional sobre Drogas,

¹⁸ Passo a falar desse Paradigma no tempo passado visto o mesmo ter sido formalmente desconstituído, mas cabe ressaltar que as perspectivas de produção de mudanças no pensar e no fazer em saúde, disparadas pela RD, operaram efetivamente, muitos movimentos de pensamento entre usuários, trabalhadores e gestores, e, hoje, apesar de não estar mais inserida formalmente nos documentos e no fazer em saúde, a RD mantém-se ativa através das modificações já produzidas no campo das políticas públicas –não somente da saúde, mas nas demais, também-, contagiando e disparando novos processos de trabalho.

pautada pela diretriz da RD. A RD, enquanto Política, volta a compor o agenciamento de outros territórios, talvez, os já conhecidos em sua origem.

As estratégias que foram articuladas a partir da condição marginal da RD, perfazem percursos absolutamente diversos do corrente no campo formal, pois contaram com redes de mobilização envolvendo serviços, usuários, comunidade, território e não se deram, num primeiro momento, dentro do espectro comumente aceito; assim, seu campo de constituição foi marginal, sua formação se deu nesses meandros, através da produção de redes de afeto, de apoio, de contágio, de amparo, de cuidado e de informalidade, sem o que, teria sido impossível tal constituição (Cf. Souza e Passos, 2009).

Isto posto, é importante ressaltar que, no campo da psicologia e na relação com os demais campos profissionais, trabalho com a perspectiva da RD como possibilidade de produção de subjetividades e como agenciamento territorial¹⁹ de enunciação, produzindo uma outra narrativa, diversa da narrativa proibicionista. Como se dá essa toada? A RD, tendo sido produzida pela ética do cuidado, nos coloca a questão sobre qual seja a importância do cuidado de si para nossos dias, provocando-nos a buscar o encontro de novas resistências contra uma subjetividade que a cada dia impera –que é a subjetividade moldada pelo pensamento dominante que nos incita ao consumo exacerbado, aos caminhos mais cômodos para viver e fruir a vida, condenando-nos aos usos e abusos correntes no campo capitalístico. Cabe, aqui, a questão: o que estamos fazendo de nós mesmos? O que nos constitui eticamente? Quais são as morais que tentam prescrever o modo mais adequado de se viver? Que modos de vida,

¹⁹ Guattari, em 1964, a partir duma sugestão de Ginette Michaud, formula a noção de transversalidade e expressa o seguinte: “(...) A abordagem transversal tenta subverter as oposições estruturais binárias e contribui para manter sempre em funcionamento o dispositivo maquínico. Partindo de uma analogia entre o modo de desvio de sentido que se opera nos psicóticos e os mecanismos de discordância crescente que perpassam a sociedade, ele sistematiza a oposição entre os grupo-sujeitos e os grupos assujeitados para afirmar que essa dupla tentação persegue todo grupo constituído. Guattari sugere substituir a noção muito vaga de transferência institucional por ‘um conceito novo: o de transversalidade no grupo’. Esse conceito se opõe ao mesmo tempo ao eixo de verticalidade fundado em um organograma com estrutura piramidal e a uma concepção de horizontalidade que consiste em justapor setores diferentes sem que se estabeleça uma relação entre eles: ‘Enquanto as pessoas permanecem imobilizadas em si mesmas, não veem nada além de si mesmas’. Um certo nível de transversalidade permite dar início ao processo analítico de saída de si e de deslocamento necessário no confronto com o grupo: ‘A transversalidade é o lugar do sujeito inconsciente do grupo, para além das leis objetivas em que se fundamenta. O suporte do desejo do grupo’” (Dosse, 2010, p.61). Já, posteriormente, faz a revisão dessa noção e a substitui, ou a deixa para trás, ao formular a noção de agenciamento territorial de enunciação.

que estéticas estamos inventando em nossos existires? Como temos produzido o cuidado de si e do outro?

A ética do cuidado remete ao coletivo e não somente ao indivíduo. A relação consigo pressupõe a relação com o outro e com todo o meio em que se vive. A RD constituiu-se num novo modo de fazer ético, político e técnico que atravessa e agencia outros territórios subjetivos na vida das pessoas, da comunidade e das relações no território geográfico, portanto, provoca a viver de forma a contemplar as condições com que a pessoa possa usufruir de sua existência individual e coletiva, produzindo autonomia, práticas de liberdade, potência, vitalidade e intensidade. Agora, é tempo de fugir, novamente; é tempo de produzir linhas de fuga, na forma mostrada por Deleuze & Parnet (1998, p. 47):

A linha de fuga é uma *desterritorialização*. Os franceses não sabem bem do que se trata. Evidentemente, eles fogem como todo mundo, mas acham que fugir é sair do mundo, mística ou arte, ou então que é algo covarde, porque se escapa aos compromissos e às responsabilidades. Fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É igualmente fazer fugir, não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebenta um tubo... Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia".

Olhemos, assim, para a questão da produção da subjetivação a partir do Cuidado de Si e da Relação Consigo. Tomemos o cuidado de si como condição de produção de outras possibilidades de vida, ou de modos de vida que propiciem o uso dos prazeres de forma a viabilizar uma existência autônoma. Vejamos ainda, que, conforme Foucault (1997, p. 123), *“Ocupar-se de si não é, portanto, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida. (...) Trata-se agora de ocupar-se de si, por si mesmo. Deve-se ser, para si mesmo e ao longo de toda sua existência, seu próprio objeto”*. E quando o trabalho de assunção às subjetividades visa também à produção das mesmas ou de outros modos de ser, de pensar e de fazer, nos coloca a ocupar-se de si, a cuidar de si e assim, a ocupar-se do mundo e a cuidar do mundo.

É na relação do sujeito consigo próprio que, através de práticas e técnicas de si, se produz o governo de si e, por assim dizer, o conhecimento sobre si e sobre o que seja importante para a própria vida. A relação consigo pressupõe a relação com o outro e com todo o meio em que se vive e, com isso, produz suas escolhas, além do que, a ética do cuidado se remete ao coletivo e não somente ao indivíduo, vejamos, então, que a interpretação do sujeito é uma análise do processo constitutivo dele próprio e uma forma de problematização das formas esterelizantes da conduta ético-moral moderna. A questão, para Foucault, é estrategicamente liberar o indivíduo da obrigação ético-moral imposta pelo tecido social e, assim, viabilizar a produção de processos de subjetivação autônomos e libertários.

Nessa esteira, no que se refere a essa relação consigo mesmo que irá fazer do indivíduo *um sujeito moral de suas próprias ações*, Foucault identifica e comenta quatro aspectos principais: primeiro, “*qual o aspecto ou a parte de mim ou do meu comportamento relacionado à conduta moral?*”, ou seja, qual é a dimensão da modulação da minha existência que è determinada por um ou mais códigos prescritivos?; segundo, “*modo de sujeição, isto é, a maneira pela qual as pessoas são chamadas ou incitadas a reconhecer suas obrigações morais*”, assujeitando-se a uma ou outra prescrição; terceiro, “*quais são os meios pelos quais podemos nos modificar para nos tornarmos sujeitos éticos?*”, referindo-se ao que ele chama de “*prática de si*” que visa “*decifrar o que somos*” e conduzir nossos atos com o fim de nos constituirmos como sujeitos éticos, através do entendimento e da modificação daquilo a que estivemos assujeitados, tornando-nos aquilo que queremos ser, ou seja, mestres de nós mesmos; e quarto, “*qual é o tipo de ser que aspiramos quando nos comportamos de acordo com a moral?*”, enfim, o que queremos ser quando nos assujeitamos a um código? (Cf. FOUCAULT in DREYFUS&RABINOW, 1995, p. 263).

Deixar de fazer, recusar a fazer aquilo que o mundo nos convoca a fazer, escolher viver duma forma que não seja aquela colocada em acordo com a moral e o pensamento dominante, fazer de sua vida uma obra de arte, uma invenção permanente, uma criação genuína, implica na resistência ao que está convencionado e absolutizado como modelo identitário ou dominante no coletivo. Quebra e rompe com a perspectiva indenitária. E, consoante a isso, implica na produção de uma subjetividade

genuína, singular, a partir daquilo que não faz elemento numa série, que não se faz simulacro de outras obras e que se cria a partir do interesse próprio do sujeito. No dizer foucaultiano: a partir da invenção de si, ou ainda, no dizer de Carmo: *“Não nos enganemos: o encontro de novas resistências contra uma subjetividade que a cada dia impera. Nessa luta, não se trata de inverter os pólos, do sujeito para o dessujeito, mas, realçando uma agonística, um combate, fazer da dessubjetivação uma imanência em exercício – um cuidado de si”* (2007, p. 65). Ou, ainda, como Deleuze (2006, p. 123) aponta:

Não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida. É o que Nietzsche descobria como a operação artista da vontade de potência, a invenção de novas ‘possibilidades de vida’.

É isso a subjetivação. É a resistência. É a reinvenção das condições e dos processos de subjetivação, saindo fora de um modelo dominante e inventando novos processos. É necessário, portanto conforme Carmo (2007, p. 65):

Tomar o processo de subjetivação moderna como algo a ser problematizado, estabelecer nos ‘modos de vida’, na estetização ético-política da vida lutas contra a sujeição. (...) a subjetivação à qual estamos entregues é uma sujeição ao poder em várias instâncias, instâncias microfísicas e estratégicas que de longa data Foucault vem denunciando e combatendo. Os exercícios da cultura de si, cada um em sua medida epocal, são lutas contra a sujeição. Não se trata de imitá-las, mas de colocá-las lado a lado com aquilo que nos cabe problematizar na subjetivação moderna: a normalização social.

Assim, olhando para a questão da produção de novos ou outros modos de vida e da produção de subjetivação a partir da abordagem de Foucault, principalmente no que se refere à possibilidade de invenção da vida como obra de arte, retomo a perspectiva em estudo, contemplando a RD no seu movimento de ultrapassar a fronteira do campo das DST-AIDS, que formava um terreno híbrido com o campo do álcool e outras drogas, e hoje tem sua territorialidade redimensionada, cruzando a revisão de formas

de trabalho, de fazer as políticas públicas e de viver (de viver ultrapassando proibicionismos e abstinência), remodulando a qualidade da vida da pessoa e do coletivo, produzindo novas formas de ser e de fazer, desterritorializadas da moral e do pensamento dominante vigente; reterritorializando-se, constituiu-se num modo de fazer ético, político e técnico que atravessa e pode atravessar a vida das pessoas, das comunidades e das relações no território, portanto, implica, à pessoa, em poder viver de forma a contemplar as condições com que, usufruindo dos prazeres, assim como, lidando com os desprazeres ou com qualquer outro aspecto da vida, possa produzir e usufruir de sua existência individual e coletiva; foi inventada através da autonomia e do protagonismo das pessoas (trabalhadores e usuários), que, produzindo novas realidades para as condições dadas, constroem a si mesmos como novos sujeitos (processos de subjetivação), mostrando que não há mudança fora dos sujeitos, senão a partir da experiência com o outro, no coletivo, encontro que propicia a reinvenção de si, a produção do novo em si mesmo.

Isto posto, pensar a Esquizoanálise e a RD, enquanto agenciamento territorial na produção de processos de subjetivação e na prática clínica, nos convoca à disposição a pensar e viver experimentações, tomando a primeira como já nos mostrou Barembli, como uma leitura de praticamente tudo o que acontece no mundo e, a segunda, como um campo de ruptura no campo do cuidado, que produz agenciamentos de territorialização, modificando práticas e formas de pensar as relações com a vida.

Para inventar uma outra clínica, é preciso estar desconformado com clínica que se faz, é preciso inventar uma máquina, é preciso inventar um desejo que deseja, um desejo-intensivo-desejo-intensidade, é preciso lidar com as imanências, é preciso desentranhar as existências, é preciso desconstituir o constituído, é preciso ajudar a pessoa a pensar, a produzir pensamento sobre aquilo que lhe provoca sofrimento. Não se trata, somente, de pensar que a psicologia poderia ou deveria atuar doutra forma, que não as com que se vem atuando (seja numa perspectiva mais clássica ou mais aberta). Trata-se, talvez, de pensar as formas com que trabalhamos, as formas com que vivemos, as formas com que pensamos, as formas com que fazemos. E os processos cartográficos, o pensamento cartográfico e esquizoanalítico é umas das formas com que se pode atuar numa forma diversa. Dependendo da forma como

fazemos isso, podemos contagiar, provocar desterritorializações, reterritorializações, composições as mais diversas, agenciar outras composições de vida.

Sempre me interessei muito, pela forma como as pessoas são capturadas pelos discursos e práticas normalizadoras e, acompanhando essas vivências corriqueiras e cotidianas, fui percebendo que havia a possibilidade de inserir dispositivos modificadores e disparadores de outras experimentações. O pensamento cartográfico e a problematização esquizoanalítica tem se constituído em ferramentas fundamentais para os processos de trabalho em que atuo.

Foucault, brincando ou não, afirmou que um dia o século ainda haveria de ser deleuziano. Disse isso, não antevendo a cronificação dum novo pensamento dominante –até porque, isso contrariaria o próprio pensamento de Deleuze-, mas sim, antevendo a perspectiva da ruptura com o ideário consolidado, provocando uma certa liberação ao viver inventivo, ao viver poético.

O pensamento dominante e ortodoxo criou e sustentou modos de vida e campos teóricos esterilizantes. Em nossa formação cultural, aprendemos a cultivar misérias, dor, desamor, raiva, ódio, guerra; aprendemos, também, a cultivar o ideal do amor romântico que exclui todas essas coisas (entenda-se aqui, o amor romântico enquanto afeto geral e não endereçado a um campo específico); assim, aprendemos que só há um ou outro campo e que os dois se excluem, mas a vida, a vida corrente é feita não dessa condição binária e dicotômica, e sim, de singulares situações e condições. A vida inclui as belezas e também as feiezas, as consolidações e as rupturas, as situações as mais diversas, a multiplicidade; enfim, é feita de campos de encontros, de desencontros, de entrecruzamentos, de descruzamentos, é feita de descontinuidades e é nessas condições que outras linhas se criam e se recriam.

Quando olhamos para a vida enquanto invenção poética, enquanto invenção estética, a vemos como a condição vital que anima todas as nossas lidas do cotidiano. Não se trata dos versos modulados na exatidão do encontro da (mili)métrica rima das palavras ditas e das palavras escritas; não se trata dos versos impressos e tingidos nos pergaminhos guardados em nossas bibliotecas. Falo do verso que se modula como interioridade, superfície e face de nosso ser e de nosso existir, e que expressa aquilo que criamos em nossos viveres (tanto nos viveres na vida mais recolhida e reservada,

quanto nos viveres públicos); falo do verso enquanto expressão da singularidade, enquanto multiplicidade.

O viver inventivo, feito da poesia viva (não como condição soberana e profunda do viver e do fazer-se sujeito, mas como modo de vida aberto, fluído e intempestivo), nos movimenta a compor a vida a partir duma ética própria ao sujeito, com suas reentrâncias, com suas dobras, com suas livres escolhas, com suas idealizações, com suas imperfeições, com seus quereres, com seus desejos mais profundos ou os mais superficiais, enfim, a ética, diferente da moral, é feita das escolhas da pessoa (sejam escolhas feitas a partir de imposições, sejam escolhas feitas a partir do seu livre fluir); trata-se de olharmos para nossos modos de vida como escolhas éticas e inventivas, desenhadas por um fazer político: não há escape, pois toda a nossa atuação constitui-se num fazer político, visto que estamos irremediavelmente incluídos nos aconteceres da polis –seja com nossos fazeres e pensares, seja com nossos não-fazerem ou desfazerem e não-pensarem-.

Falamos aqui, dos viveres, dos fazeres e dos quereres que não cabem no Lattes, de existires compostos de muitas vidas (e não somente da nossa e de uma única vida); falamos aqui, dos nossos fazeres enquanto gente que vive, ama, trabalha, come, dorme, bebe, anda, fala, briga e faz o que quiser fazer; falo aqui, de compor a vida enquanto poesia viva; falamos aqui, de aprender a olhar as pessoas com que trabalhamos, como se entidades fossem, dirigindo-lhes um delicado olhar feito de esquizo-lucidez, que nos permita cartografar/ajudar a cartografar as densidades, as levezas e as intensidades dos viveres que não são somente do outro, mas também são nossos. Cartografar processos. Cartografar andanças em políticas públicas (públicas e sociais). Cartografar a vida; a vida feita invenção/invenção poética/criação nos e dos existires de cada um. Cartografar a vida, a imprecisa vida tecida, tramada, inventada, criada a partir dumagenciamento, dum transversamento, dum reverberamento, dum ritornelo, dum (des)encadeamento rizomático, dum rizoma, duma rizomaticidade, duma inconcretude qualquer, é isso que me interessa. Tomo como referência em nossas andanças e nesta proposta de pensar essas cartografagens, uma noção de cartografia de Kirst (2003, p. 91-2), que diz o seguinte:

Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações. Ao mesmo tempo, sustentar uma postura ético-estética de acolher a vida em seus movimentos de expansão segundo implicações políticas do tempo, do perspectivismo, da contingência e invenção.// O termo 'cartografia' utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre 'territórios' e dar conta de um 'espaço'. Assim, 'Cartografia' é um termo que faz referência à ideia de 'mapa', contrapondo à topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado.// A cartografia não determina em si uma metodologia, porém antes, propõe uma discussão metodológica que se atualiza na medida em que ocorrem encontros entre sujeito e objeto”.

É preciso, então, aprender a cartografar, é preciso aprender a olhar a vida para além do pensamento acadêmico clássico, é preciso aprender a escrever a escrita das vidas, é preciso aprender a escrever a escrita composta na estética das vidas, é preciso aprender a olhar os versos com que transversamos nossos versos, é preciso boniteza no olhar e no pensar, é preciso não querer impor às pessoas com que fazemos nossas lidas cotidianas, uma moldura acadêmica à qual teriam que se ajustar para podermos lhes ver; é preciso coragem para ver e sentir a vida do outro (e por consequência, a nossa); é preciso grandeza para reconhecer que nossas andanças acadêmicas e teóricas nos servem para aclarar nossa ignorância e para nos ensinar a inventar ferramentas e dispositivos que nos ajudem a andar com as pessoas e compor seus existires e suas andanças.

Os caminhos e descaminhos traçados na geografia das ruas e na geografia das vidas, não têm linhas fixas; nos mostram as andanças lá por dentro das entranhas dos existires e dos viveres das vidas tortas que não cabem nas exatidões da ciência, da

academia ou do olhar com que muitos olham para a vida dos viventes; é com um olhar maiúsculo dirigido às vidas minúsculas, que tornamos maiúsculos esses existires. É preciso ampliar, em vez de reduzir ou fixar. É preciso aprender a desconhecer, para se permitir olhar para além das molduras e quiçá, um dia, vir a conhecer.

Foucault nos mostra muito bem esse pensar e esse fazer visceral, quando da exumação dos arquivos do internamento do Hospital Geral e da Bastilha, na França, fuçando nas entranhas dos prontuários e das vidas abnegadas à sólida entidade chamada loucura (e ele faz isso, na perspectiva de mostrar a vida vista e vivida fora do conceito, fora da moldura; em seu escrito *A Vida dos Homens Infames* (2006, p. 203-7), entoa que:

Este não é um livro de história. A escolha que nele se encontrará não seguiu outra regra mais importante do que meu gosto, meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou qualquer outro sentimento, do qual teria dificuldade, talvez, em justificar a intensidade, agora que o primeiro momento da descoberta passou.// É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos (...) nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram. Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário (...). Se eu o fiz então é sem dúvida por causa dessa vibração que sinto ainda hoje, quando me ocorre encontrar essas vidas ínfimas que se tornaram cinzas nas poucas frases que as abateram (...). Não é uma compilação de retratos (...): são armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas cujas palavras foram os instrumentos. Vidas reais foram 'desempenhadas' nestas poucas frases; não quero dizer com isso que elas ali foram figuradas, mas que, de fato, sua liberdade, sua infelicidade, com frequência sua morte, em todo caso seu destino foram, ali, ao menos em parte, decididos. Esses discursos realmente atravessaram vidas; essas existências foram efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras (...). Para que alguma coisa delas chegue até

nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar.

Nos meus territórios de trabalho privado e público, rompi cedo com os modos de sentir, perceber, pensar e fazer as coisas num formato clássico. Contagiada por pistas vindas da psicologia social, da filosofia da diferença e da Esquizoanálise, trabalho desde a muito, com a mobilização à produção do pensamento filosófico nos diferentes territórios em que atuo. Busco isso, pois se não atuo e não pretendo atuar a partir de referenciais tradicionais, preciso também, provocar as pessoas com que componho minha atuação, à problematização daquilo que lhes compõem humana, social, política, histórica, ética e teoricamente, fazendo escolhas a partir daquilo que faz ressonância em sua vida e não a partir dos referenciais que outorgam o saber e o poder sobre as vidas, ao Estado ou aos seus agentes operacionais²⁰.

No campo público, percebemos que o Estado historicamente tem atuado na cooptação, no sequestro do pensamento dos viventes, sobre as coisas da polis e sobre a própria vida ou existência. O “agente público” que opera o serviço público, é convocado a ser um agenciador territorial de enunciação, efetivando o controle, a fiscalização, a vigilância, o governo; ele é a figura que tem trânsito formal e de fato no território geográfico, prático e existencial do cidadão; serve à razão instrumental do Estado, mas é também, quem pode inventar ou ajudar a inventar o novo, mesmo quando é convocado ao fazer instrumental. E é nessa perspectiva que busco atuar, sabendo que os instrumentos que inventamos, dispomos ou buscamos, nem sempre nos servem e o desafio consiste exatamente, em experimentar ferramentas teóricas novas para pensar e intervir nos modos atuais de vivenciar e habitar o contemporâneo.

Num olhar de sobrevoo, vou experimentando terrenos, sedimentações existenciais, notas de rodapé de vidas imensas, rizomaticidades de viveres que, vez ou outra se fazem raízes também, mas que não param de se espalhar. Meio que assim,

²⁰ É importante considerar que cada um de nós pode funcionar como agente operacional do Estado sem sermos, necessariamente, funcionários públicos formalmente designados ou nomeados para tal; mesmo sem sê-los, estamos inseridos e embrulhados numa racionalidade instrumental que nos coloca ao serviço da mesma.

vou inventando meus caminhos na seara vasta da psicologia²¹, buscando terrenos férteis ou fertilizar terrenos, ou sedimentos incertos para se ler e ver o mundo.

Os terrenos, as geografias, as sedimentaridades estão sempre sujeitas a um rearranjo territorial ou a novas formações. Não somos feitos de tempos fixos, de tempos exatos e precisos. Somos feitos de imprecisões, de entrecruzamentos, de vidas moventes, de multiplicidades. Interesse-me pelos efeitos dos agenciamentos, dos transversamentos, das multiplicidades que se encontram e se cruzam, dos hibridismos, das conectividades, que se produzem nas vidas.

Interessa-me saber se alguma coisa se assucedeu a partir dum encontro estrondoso de nuvens, dum raio, dum trovão, duma brisa, dum desmoronamento, duma tempestade, dum raio de sol, duma claridade, duma neblina, duma intempestividade, duma lufada de ar, dum mormaço, dum sentimento, duma afetação qualquer, dum breu, duma cor qualquer; se isso provocou sentimentos, encontros, se provocou movimentos na vida do vivente, se disparou processos, constituiu, ou mesmo, se não provocou coisa alguma, ou ate paralisia. Porque não é de se esperar algo dado, quando acompanhamos processos. É preciso, às vezes, não esperar nada. É preciso, ainda, olhar com atenção e carinho para as pessoas que tem dificuldades para realizar aquilo que gostariam de ser, pois sofrem, produzem insatisfação, patinam, resvalam, deprimem a existência, não conseguem produzir processos que façam a vida fluir e transformar aquilo que são, naquilo que gostariam de ser; são pessoas lindas que, às vezes, ficam à beira do caminho e não conseguem ir; mas também, geralmente, vão. Que gostariam de saber fazer acontecer encontros, mas que não sabem lidar com o encontramento consigo e com o outro. Esse outro pode ser uma gente, uma planta, um bicho, um objeto desejado, uma coisa, um sentimento, uma questão qualquer.

Penso que não há um propósito, uma pretensão ou qualquer coisa do tipo. Há uma boniteza imensurável nessa coisa da Esquizoanálise se propor a acompanhar processos, dis-juntar, tran-juntar, agenciar, cartografar andanças; os terrenos são

²¹ “No caso da psicologia, pode-se dizer que intercessores realizam uma operação de fecundação. Os novos intercessores forçam as pessoas a problematizar a psicologia constituída. Na atualidade, eles apontam uma direção, mas é preciso abrir os caminhos através de experimentações conceituais e práticas, que exigem grande atenção, trabalho e disposição para correr riscos. A pergunta é, portanto, oportuna: que novas alianças devemos estar fazendo hoje, em que vizinhanças devemos estar executando o nosso trabalho de ‘fazer psicologia’?” (Kastrup, 2000, p. 19)

densos, os processos são densos, a crítica pode ser produzida em todos os processos, enfim, a devassidão²² está na provocação que nos é feita a tirar a moldura, tirar o conceito exato e fechado, desvencilhar o olhar de toda a forma e de toda a fôrma; a Esquizoanálise é esse encorajamento a olhar para os próprios sedimentos como parte do seu terreno, do seu território e reconhecer isso como um mapa válido, pois foi você que o compôs, transversado, agenciado por muitas outras composições; e a RD, vem com um bom recurso, com uma boa estratégia pra começar uma conversa e para desdobrar o olhar.

Quando ajunto com o campo da Esquizoanálise, o campo da RD, para olhar para a produção de outros agenciamentos possíveis na vida das pessoas com que trabalho. E se olharmos o histórico da constituição formal da RD no Brasil, veremos que desde o seu princípio, a RD provocou a constituição de novos agenciamentos territoriais de enunciação em várias dimensões, sejam elas: nos campos das drogas ilícitas, das DST's, das políticas públicas (primeiramente da saúde), das articulações de trabalho em rede, das relações humanas; trouxe, ainda, a perspectiva de tomarmos a questão do contágio viral do HIV, por compartilhamento de seringas, numa nova modelização relacionada ao contágio²³ ético, estético e político que transpõe, cruza

²² Uso essa ideia de devassidão para me referir ao que è licencioso, libertino, desapegado da exatidão, desinteressado na moldura, que é devasso.

²³ CONTÁGIO: "Duas palavrinhas sobre as contaminações positivas que a Aids produz, desencadeando redes de solidariedade afirmativa cuja extensão e variedade são uma verdadeira lição de micropolítica. Eu diria, quase, que nós nos aproveitamos dos aidéticos para falar da vida e da morte, da amizade e do preconceito, do essencial e do supérfluo, do engajamento e da indiferença, e para ir inventando maneiras estranhas de sustentar, trocar, soerguer, acompanhar. Modos raros de contagiar, de mobilizar, nem ideológicos nem partidários, nem religiosos nem piedosos, nem culpados nem depressivos. São microações de combate pontual contra as práticas de isolamento social e as consignas de dessubjetivação médica, de coisificação do doente. Por meio dessa resistência forma-se uma rede, que comporta a ternura mas igualmente a fadiga, a intriga e o tesão – é um modo raro de juntar forças, de se encontrar, de fazer disso festa também (como diz o personagem de Susan Sontag em Assim vivemos agora, "é importante sermos leves, porque em todo esse horror também há alegria"). E acabamos usando isso para falar do mundo contemporâneo e de seus mitos da perfeição do corpo e de sua imortalidade prometida, da superpotência almejada e seu colapso cotidiano, do grau da desresponsabilização do Estado neoliberal, da apatia social que tem sido erigida como um parâmetro de maturidade cívica etc.// Nessas microações que pipocam aqui e ali entram em jogo muitas durezas e doçuras reinventadas. Uma maneira incomum de misturar o íntimo e o público, de permeabilizar as duas esferas, irrigá-las reciprocamente, reencontrando no seio da mais ativa sociabilidade uma suavidade esquecida... A ação despudoradamente terna, gestando coletivos de outra natureza. É curiosa essa reversão". (PELBART, 2003, p. 246).

(transversa), que faz eclodir um agenciamento de enunciação que provoca rachaduras nos pensares e nos fazeres na política de saúde tradicional e no proibicionismo²⁴.

Não interessa-nos aqui, pesquisar propriamente, os atributos quantitativos decorrentes da emergência do HIV, das drogas ilícitas ou da RD. Interessa-me pensar os processos de produção da caosmocidade, da RD como constituinte de agenciamentos territoriais de enunciação, da singularidade da subjetivação.

Penso a vida e a produção de novos paradigmas estéticos, não de forma idealizada, mas contemplando os estratos, os sedimentos, as intensidades, os limiares provocados, produzidos, chispados, disparados, incendiados pelas desterritorializações e reterritorializações da RD na vida das diferentes gentes com quem compus e componho, inventei e invento caminhos; com quem componho minhas andanças pessoais e profissionais; isso, para pensar como os agenciamentos territoriais de enunciação estratificados pela RD, quebram com o paradigma proibicionista que, de forma tão ampla e absoluta, guia os existires e as produções de subjetividades; e, a partir disso, provocam a produção dum novo paradigma estético que, em vez de fechar campos de possibilidades, abre descontinuidades, percursos, fluxos, intensidades, porosidades

Olho para a ideia de RD como uma noção em movimento, uma noção em ampliação, que lá nos seus primórdios primeiro desfocou da questão da AIDS e agora talvez, com sua exclusão da condição de diretriz de política pública, esteja desfocando da questão da droga, para ampliar-se às questões da vida de um modo geral e, desfocando da questão da droga o que nos interessa, principalmente, seja a questão

²⁴ PROIBICIONISMO: “No início do século 20, demandas de grupos moralistas que pediam a proibição de inúmeras drogas psicoativas passaram a ser incorporadas por governos nas Américas e na Europa. O conjunto de discursos e leis antidrogas ficou conhecido como proibicionismo. Desde os anos 1920 ele se consolidou como o modelo legal mundial para tratar de uma sempre crescente lista de drogas. O proibicionismo conjuga argumentos de quatro tipos: o moralista, o de saúde pública, o de segurança pública e o de segurança internacional. O uso de drogas seria um desvio de conduta (moral) que levaria a um problema geral de vício e degradação pessoal e social (saúde pública); como as drogas proibidas continuariam consumidas haveria a formação de um mercado ilícito (segurança pública) que ganharia, como narcotráfico, contornos de problema global (segurança internacional). O proibicionismo visa erradicar permanentemente práticas sociais relacionadas a drogas que são milenares por meio de leis e de repressão policial e militar. Um exemplo conhecido dos efeitos do proibicionismo é a Lei Seca, em vigor nos EUA entre 1920 e 1933: a proibição do álcool impulsionou a máfia, aumentou o nível de repressão policial, não conteve o hábito de beber e gerou graves problemas de saúde para pessoas que consumiram bebidas produzidas sem qualquer cuidado. O proibicionismo é uma utopia antidrogas que alimenta uma guerra revigoradora do narcotráfico e suas violências”. (Em: <http://www.nu-sol.org/abolicionismo-libertario-verbetes/>).

da vida. A vida e a produção estética de territórios existenciais marcados por outras formas de ser e de fazer a vida acontecer. E quando as pessoas são provocadas a cartografar suas vidas, geralmente se surpreendem com isso, com o que encontram e com o que produzem a partir disso.

Essas questões todas me vem, também, duma interrogação que me faço ao olhar para o descampado existencial que isso tudo aponta, que é: psicologia para quê? Num universo tão amplo de padronizações vindas do pensamento dominante e dos discursos enunciativos de verdades sobre a vida, sobre o corpo, sobre a saúde, sobre a alimentação, dentre muitos outros aspectos, engendrando processos de normalização e padronização aos quais aderimos por automatismo.

Olho, assim, para os intercessores²⁵ da vida no contemporâneo, que se referem aos elementos que se dão na vida duma pessoa, dum grupo, duma comunidade, dum território, e que disparam a produção de encontros desacomodadores, desestabilizadores²⁶, de problematização, de criação, de invenção, de pensamento. Os intercessores no contemporâneo funcionam contra a produção de vida. Vejamos o que nos diz Deleuze sobre os intercessores (1988, p. 156):

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.

Olhando para isso e para a questão do governo dos corpos, do delineamento biopolítico das vidas, que vem promovendo a cultura da doença com máscara de cuidado e atenção, veremos a venda de equipamentos, de aparelhos, de próteses, de procedimentos, de formação superior e de pós-graduação, etc, que visam à manutenção desse lucrativo mercado; é o mesmo mercado que vende alimentos e demais substâncias que provocam a degradação física, orgânica, biológica, ambiental, social –e provocam essa degradação em todas as etapas de produção, ou seja, na

²⁵ Uma noção pouco trabalhada por Deleuze.

²⁶ Desestabilizadores no sentido de retirar da condição de passividade e imobilidade, ou de assujeitamento.

produção em si, no controle, na conservação, na preparação, na industrialização, na venda, na distribuição. Assim, produz patologias orgânicas e mentais, produz-se a deterioração, e depois se ganha com a venda de recursos, insumos, estratégias, medicamentos, drogas as mais variadas, para produzir um suposto domínio sobre essas situações.

Veja-se que se produzem inclusive padrões ou limiares aceitáveis de ingestão e consumo de substâncias ou ambientes danosos. E não se publiciza que esses "níveis aceitáveis" servem para evitar patamares irreversíveis de dano imediato e para seguir vendendo. Em longo prazo, produzem danos também -alguns irreversíveis e outros mais amenos-, mas se não vendem mais a coisa em si, hão de vender medicamentos, procedimentos restauradores, próteses, serviços técnicos, etc. Essa é a farsa da produção de subjetividade capitalística, que cultiva corpos e gentes improdutivas, adoentadas; e que delinea e sustenta o modo de subjetivação medicamentado, patologizado.

Doutra banda, se produz uma outra farsa de mudança, consciência e modificação de estruturas danosas, de sequestro dum dada ideia de saúde e qualidade de vida que não tem a ver com isso propriamente, mas sim, com a necessidade de vender, de transformar em motor do capital. E isso não tem nada de novo, nem de sério. É planejado, é caso pensado, é instrumental. Vemos que aparentemente há todo um investimento social, econômico, político, educativo que passa pelas mídias (TV, rádio, meios impressos, meios eletrônicos, etc), pela Escola, pelas mais diversas formas de manter os agenciamentos de enunciação, que vai remodelando os discursos, as práticas, as técnicas, as profissões, enfim, os diferentes dispositivos de ordenamento, controle e produção de modos de vida modulados pelos interesses dominantes; assim, os fabricantes e distribuidores de alimentos, bebidas e outros quetais industrializados, ao verem suas vendas na possibilidade de baixarem, imediatamente aderem ao que está se colocando como novo, como alternativo, como inventivo, como desconstitutivo do velho e danoso, transformando esse novo, essa perspectiva inventiva, numa perspectiva messiânica e salvacionista. O suco químico aparece com cara e corpo de suco natural. A Coca-Cola, a Nestlé e outros gigantes vão se apresentando como eminentemente pró-orgânicos e, aos poucos vão adquirindo

os espaços de mercado para atuarem mais amplamente. Os biscoitos passam a contar com diversos grãos e assim, são apresentados como integrais, mas escondem os venenos e as falsificações que lhes acompanham. Os alimentos refinados aparecem cada vez mais como âncora de promoções que os vendem em abundância. Os alimentos geneticamente modificados estão presentes de forma absoluta na vida e na alimentação das pessoas, provocando danos que não se mostram no imediato e quando se apresentam, a curto e em longo prazo, não restará visível o que possa tê-los provocado. O veneno é usado, cada vez mais, como sinônimo de ampliação da produtividade de alimentos. E agora, no Brasil, isso está novamente descontrolado e assustador.

Desta forma, há toda uma série de investimentos e de teias de comunicação dirigidas à cultura da saúde, mas para modulá-la como doença e como negócio. Um fantoche de saúde vende muito mais do que uma vida saudável. Uma vida minimamente saudável não requer muitos recursos, mas um arremedo requer, sim. E não se trata, aqui, de fazermos um adesismo à questão da produção duma vida saudável. Não é disso que se trata, mas sim, fazer a problematização dos usos que fazemos de nossos recursos físicos, orgânicos, emocionais, afetivos, subjetivos e tal.

Assim, vemos, depois de se produzir muitos movimentos de resistência a essa lógica dominante, de muito se investir –econômica, humana, social e politicamente- na perspectiva da promoção da vida, a retomada intensa e novamente a consolidação da lógica hospitalocêntrica, da privatização do cuidado, do mercado da doença. E agora, enquanto passamos por uma tempestade política no país, o que já parecia quase superado, volta a vicejar com a força do veneno da ignorância e dos interesses corporativos. A RD, que já era criticada por ter se tornado uma diretriz endurecida, foi formalmente extinta da política de saúde mental, álcool e outras drogas. Volta à condição marginal, mesmo que já consolidada no imaginário de quem lida com a coisa.

Nessa seara, ou nessa terra queimada com fogo e adubada com preparados químicos, o grande investimento na produção de subjetividades passa pela patologização da vida. Além de todos os desdobramentos orgânicos nefastos e danosos, decorrentes do modo de vida modulado pela perspectiva capitalística e, por assim dizer, duma cultura guiada pelos mais diferentes usos e abusos –alimentares,

laborais, situações estressoras, etc- que transformam o corpo numa máquina de produção de patologias –os mais diferentes tipos de câncer, os vírus indomáveis, as LER, as síndromes, as mutações, as deficiências, etc.; ainda somos acometidos por muitos outros elementos que desenham a patologização da vida como um modo de existir e operar a existência no contemporâneo.

Patologizamos a vida feita de excessos. Sofremos com os excessos. Os excessos de trabalho. Os excessos de estimulação. Os excessos de ocupações. Os excessos de alimentação. Os excessos de bebida. Os excessos de consumo. Os excessos de endividamento. Os excessos de idealizações. Os excessos de normalizações. Os excessos de receitas educativas. Os excessos de prescrições. Os excessos de combate às drogas ilícitas –que também sustentam o mundo da criminalidade rasa e ampliada (a dos territórios de miséria financeira e econômica, e as dos territórios de fartura financeira econômica), o negócio da segurança privada, os interesses corruptos do campo político formal, a venda de armas. Os excessos de drogas lícitas. Drogas para dormir. Drogas para passar bem o dia. Drogas para viver. Drogas para estimular o cérebro. Drogas para estimular o corpo. Drogas para ter ereções. Drogas para disfarçar a tristeza. Drogas para dissimular a preguiça. Drogas para fazer o serviço dos órgãos falidos no corpo. Drogas para amenizar os estragos irreversíveis. Drogas para viver um pouco mais. Drogas aprovadas pelas agências reguladoras.

Se alimenta, se nutre a patologização, com a vida que se esvai pelo ralo. O diabético, o hipertenso, o depressivo, o hiperativo, o desconectado, o obeso, o broxa, o adoentado não é usualmente provocado a produzir remodelizações, redimensionamentos em sua vida, a romper com os processos de fabricação de doença. Mas é provocado, sim, à fidelização com a farmácia, com os medicamentos alopáticos, com o médico prescrevedor (que não provoca a pensar e a desconstituir o adoecimento, mas ordena através da detenção do saber sobre as vidas das gentes, a manter esses estados).

O médico e os demais trabalhadores em saúde já fazem a formação profissional voltada para o assujeitamento das pessoas, dos usuários, a um suposto saber sobre a própria vida, que estaria nas mãos desses agentes do fazer em saúde. Geralmente

eles não são dados ao pensar (poucos de nós somos dados ao pensar). A formação acadêmica da maioria dos ditos profissionais, técnicos e tals, é dedicada a enformar trabalhadores, enformar pessoas para repetirem técnicas, verdades prontas e modos de fazer absolutizados, em que os “técnicos” detém a verdade sobre a vida das pessoas.

A indústria farmacêutica foi constituída para criar drogas voltadas não propriamente para a restauração e manutenção da vida, mas para colocar a vida ao serviço do sistema e para constituir estratégias de doma química, para isso, precisa mercantilizar seus produtos. Precisa montar máquinas de extermínio.

A indústria farmacêutica, os laboratórios, as distribuidoras de medicamentos fazem parte dum campo criminal e criminoso sem precedentes. Formam redes de organizações criminosas. Atuam de forma mais organizada, livre e eficiente do que o campo das drogas ilícitas. Criam patologias, alimentam a CID e o DSM para retroalimentar suas imensas fatias de mercado. Criam doenças e na sequencia apresentam os remédios. Boicotam o fornecimento e o acesso dos medicamentos que realmente são essenciais para a recuperação ou manutenção da vida. Levam suas amostras grátis para os consultórios privados e para os consultórios públicos, para jogar a isca, para pegar o peixe, para manter o peixe domado na linha, no anzol, na isca. Financiam supostas pesquisas feitas para validarem as drogas que são criadas por seus supostos pesquisadores. Financiam expectadores para seus supostos congressos onde são apresentadas suas supostas pesquisas que hão de ocultar as informações colocadas nas bulas enormes em fonte para leitura microscópica; financiam-nos proporcionando agrados, viagens, estadias em hotéis luxuosos, brindes, amostras grátis e outros quetais. E no caminho disso tudo, a vida fica esquecida. Não há esperança. O que talvez seja melhor: não haver esperança.

O mercado, a indústria farmacêutica, os interesses financeiros não veem o sofrimento psíquico, nem os problemas cotidianos transformados em transtorno mental como modificações nos limiars e nos níveis do corpo, como intensidades; então precisamos olhar para as pessoas que se debatem (desde as mais tênues às mais amplas dimensões) com os excessos de vida e que fazem usos abusivos os mais diversos; os usos e os abusos de drogas (lícitas ou ilícitas) serão sempre apenas UM

ponto no imenso descampado da vida da pessoa/ a vida, as potências, as impotências, os querereres, os fazeres são muito maiores do que isso e é preciso olhar para o quão proibicionistas e fascistas podemos ser quando tentamos desfocar a conversa sobre a vida das gentes, sem considerar toda a trama das existências que se cruzam e que se compõem, e dirigi-la às drogas.

Esse mesmo mercado que desfoca o olhar para a vida, cria prescrições, estratégias, modos de vida feitos para ser saudável e nos ensina a beber para ser saudável, fazer exercícios para ser saudável, comer para ser saudável, intoxicar-se de conservantes, acidulantes, corantes e tantos outros antes, para compor com um ideal de corpo operativo a serviço duma suposta qualidade de vida.

Precisamos olhar para essa ânsia prescritiva, para esse modo de vida, para esse modo de subjetivação medicamentalizado, patologizado, asséptico e instrumental; precisamos olhar para essa razão instrumental que tira o sabor do alimento e o transforma em prescrição medicamentosa; precisamos ver essa normalização medicalizadora que coloca o saber médico, o saber medicinal, o saber medicativo como modulador da vida corrente.

Precisamos olhar para a medicamentalização da vida, para a normalização do uso medicamentoso que doma quimicamente as gentes, que regula a vida, que controla as existências, que emoldura as singularidades e as torna fixidez.

Precisamos olhar para os altos índices de medicamentalização dos trabalhadores em educação, que são as pessoas que trabalham na formação doutras gentes; precisamos olhar para os altos índices de medicamentalização dos trabalhadores em serviços de saúde, que são as pessoas que trabalham no cuidado com a vida doutras gentes; precisamos olhar para os altos índices de medicamentalização dos alunos universitários que inserem em suas rotinas de formação, a estimulação química para mascarar o sofrimento, para maximizar o rendimento, para queimar um tempo que poderia ser inventivo, prazeroso e criativo, destruindo amplamente esse que é o único corpo que poderão habitar no tempo de formação e em todos os tempos de suas vidas.

Precisamos olhar para a dificuldade de grande parte dos trabalhadores em ensino básico, fundamental e médio, em lidar com a vida, em lidar com a vitalidade,

com as intensidades dos existires de crianças e adolescentes, impondo-lhes a exigência de que estejam quimicamente domados e fazem isso com a naturalidade e a banalidade de quem também assim o viva.

Precisamos olhar para a medicamentalização da infância duma forma geral. Precisamos olhar para as estratégias manipulatórias do mercado, dirigindo às crianças e aos adolescentes, a voracidade do consumo e a ideia de consumismo como modo de singularização, de subjetivação, de existenciamento. Precisamos olhar para a transformação da infância, do tempo da infância, das coisas da infância em doença. Já beiramos ao absurdo de que basta a criança existir, com suas singularidades e isso é tomado como doença. Precisamos olhar para as crianças e adolescentes silenciados e domados quimicamente. Precisamos olhar para a infância e a adolescência idiotizadas. Precisamos olhar para o prenúncio dos estragos delineados pelo uso exacerbado de Ritalina por crianças e adolescentes. Precisamos olhar para as estratégias desenhadas para a patologização da infância²⁷. Precisamos olhar para a padronização de sintomas, afetos e sentimentos.

Precisamos pensar sobre o que estamos fazendo de nós mesmos; sobre quais sejam as formulações éticas que estamos produzindo em nossos viveres, em nossos pensares, em nossos fazeres; sobre o que estamos inventando, criando, produzindo em nossas existências; sobre como tem sido o cuidado para conosco e para com o outro, que práticas de cuidado estamos reproduzindo ou inventando.

Precisamos pensar sobre a produção de novas relações com a vida, com o corpo, com a subjetividade, com a alimentação, com o mundo; sobre as novas fabricações/modulações de corpos (máquinas desejanter); sobre o fato de sermos feitos para servir ao capital, para servir à economia e não à vida.

Enfim, há algo que muito me interessa, que é a possibilidade de auxiliar o outro a lidar com os excessos de vida e fazer disso vivimentos e não morrimentos; olhar para a vida-dura, dura-vida, para o que vem das dores e das alegrias, dos pesos e das levezas dos existires. Interessa-me produzir experimentações; interessa-me a coragem

²⁷ Nessa questão, podemos olhar para muitos aspectos patologizadores da infância, sejam os IRDI's (Indicadores de risco ao desenvolvimento infantil), seja a medicamentalização, a demanda escolar por crianças e adolescentes domados quimicamente (junto com os professores), a demanda escolar por alunos "laudados", dentre muitos outros.

de ir tateando e tecendo novos, tecendo outros pensares e outros fazeres; interessa-me a capacidade de reconhecer no outro, a singularidade do seu processo; interessa-me a produção de vida nos processos existenciais; interessa-me o trabalho vivo, feito de movimento permanente, feito de continuidades e descontinuidades; interessa-me a produção de pensamento para provocar à invenção de novos campos ético-estético-políticos na vida das gentes.

5 À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso, então, se perguntar *“Eu estou aqui? O que está acontecendo?”* (Guattari, 2016, p. 98). É preciso deixar de parar a vida para viver nos intervalos. É preciso que se esteja presente na vida. É preciso seguir a provocação de Guattari, quando diz que *“(...) o processo esquizo que podemos conquistar, a ruptura dos agenciamentos, a entrada da singularidade que vai fazer você rir, que vai fazer você ver as coisas de outra maneira, isso é válido. (...) A vida é algo muito sinistro, horrível e, ao mesmo tempo, é engraçada, curiosa. Por que nos agitamos tanto, o que está acontecendo? Como fazemos para inventar coisas, inventar objetos?”* (2016, p. 98). É preciso experimentar. É preciso se dispor a experimentar. É preciso não ter medo do que ribomba da pessoa com que trabalhamos, da história em que amealhamos as letras para a nossa história. É preciso provocar desterritorializações. É preciso provocar reterritorializações.

Nessa toada é importante pensar a questão do tempo. Não do tempo cronológico, medido, quantificado, mensurado, mas o tempo da intensidade²⁸. O tempo da intensidade é imperioso e inexato. Ele produz precipitação e ruptura. Ele compõe e carrega o múltiplo, a multiplicidade. Ele provoca agenciamentos maquínicos, territoriais em seus diferentes tipos. Ele produz conexão com outros agenciamentos. O tempo da intensidade é o tempo do rizoma e ele acontece por baixo da superfície; diferente da radícula, da árvore, nunca sabemos onde está andando. O tempo da intensidade é impreciso, incalculável. É formado por linhas moles e linhas duras, por linhas de fuga, por estratos e segmentaridades. O tempo da intensidade é o corpo vivido do corpo sem órgãos.

²⁸ Guattari é discordante com Deleuze, com relação às noções nitscheanas de força, energia, potência; em contraponto, ele busca a noção de intensidade. Ele diz: “Eu desconfio desse termo potência. E há esse termo, das intensidades, introduzido por Gilles, que vale o que vale. Intensidade já é outra noção, diferente de força. Mas é verdade que todas as comparações físicas nesse domínio nos traem. (...) É algo que não se desdobra em coordenadas energético-espaco-temporais. Então, porque falar de força? Mas queira ou não, o termo força, o termo energia tem uma herança semântica monstruosa. A ideia de força implica também as relações de força, e conseqüentemente a cartografia das relações de força, a representação dessas relações, logo, a oposição entre representação e intensidade” (Guattari, 2016, p. 69).

Há uma série de questões que tem me perturbado e me provocado a redimensionar a vida: o que é que estou fazendo neste planeta? Qual é o sentido disso tudo? Qual é o sentido disso tudo pra mim, para o outro, para a coletividade, para o planeta? Pra que me serve tudo o que estou vivendo? Quem são os viventes em cujas vidas vivo e que, doutra banda, vivem dentro da minha vida? Quais são os agenciamentos que se operam de forma danosa, em nossas vidas? É preciso fazer a vida funcionar em novos registros, em outras direções. E Deleuze (2006, p. 109) ajuda a pensar um pouco isso, quando diz:

(...) Nossa tarefa era analisar estados mistos, agenciamentos, aquilo que Foucault chamava de dispositivos. Era preciso não remontar aos pontos, mas seguir e desemaranhar as linhas: uma cartografia, que implicava numa microanálise (o que Foucault chamava de microfísica do poder e Guattari, micropolítica do desejo). É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada. Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chama de 'a atualidade'.

Vivo um tempo em que apenas existo e, existindo, vivo. Desterritorializada. Decomponho a vida para existir. É preciso andar sempre um pouco mais, mesmo que no mesmo lugar, seguindo o tranco nômade. E assim, inventamos a vida. É preciso ser, não somente o que se é, na objetividade prática, mas também, aquilo que se pensa.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. (1994) **O abecedário Gilles Deleuze**. Disponível em <<http://www.4shared.com/file/4884585/329ef9a3>> (Cooperação sem mando). Acesso em: 15/04/2019.

BAREMBLITT, G. **Introdução à Esquizoanálise**. 2 ed. Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003.

CARMO, Miguel Ângelo Oliveira do. Exercícios de liberdade: Foucault e o cuidado de si. In: **Revista Mente, Cérebro e Filosofia**. São Paulo, Duetto Editorial, 2007.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, (1995) 4 Reimp. 2006.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, (1997) 1 Reimp. 2002a.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, (1997) 1 Reimp. 2002b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1 Ed. (1992) 5 Reimp. 2006.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes – operários, artistas, revolucionários: educadores**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze&Félix Guattari – Biografia Cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: **Ditos e Escritos. Estratégia, Poder-Saber (vol. IV)**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.

_____, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GUATTARI, Felix. Guattari – Confrontações. In: **Guattari Confrontações - Conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

KASTRUP, Virginia. A Psicologia na Rede: e os novos intercessores. In: Tânia Mara Galli e Deise Juliana Francisco (Orgs.). **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

KIRST, Patrícia G.&outros. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, Tania Mara Galli. & KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **Onde estivestes de noite?** 7ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1994.

PELBART, Peter Pál, **A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SOUZA, Tadeu de Paula & PASSOS, Eduardo. Redução de Danos no Brasil: aspectos históricos e políticos. In: TEDESCO, Silvia & NASCIMENTO, Maria Livia (Orgs.). **Ética e Subjetividade: novos impasses no contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ZOURABICHVILI, François. (2004) **O vocabulário Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará. (Coleção Conexões, 24).

<http://www.nu-sol.org/aboliconismo-libertario-verbetes/>